

Universidade do Porto

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**CONFLITO TRABALHO-FAMÍLIA, STRESS PARENTAL E
COMPORTAMENTO DE EXTERNALIZAÇÃO EM CRIANÇAS EM
IDADE PRÉ-ESCOLAR**

Micael Batista Santos

Outubro 2017

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia,
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade
do Porto, orientada pela Professora Doutora **Paula Mena Matos** (FPCEUP).

AVISOS LEGAIS

A presente dissertação de mestrado decorreu no âmbito do Projeto (RE)CONCILIAR: Impacto da Conciliação Trabalho-Família na Parentalidade e no Desenvolvimento das Crianças, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (PTDC/MHCCED/5218/2012).

O conteúdo desta dissertação reflete as perspetivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na seção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Agradecimentos

Lembro-me que a minha professora de História do 12.º ano uma vez falou acerca do autor francês Charles du Bos e a sua famosa citação: *“A cada instante há que sacrificar o que somos ao que podemos vir a ser”*. Naquela altura não consegui determinar o verdadeiro sentido por trás desta frase. Contudo, agora, no final do meu percurso académico, posso afirmar que verdadeiramente compreendo o significado desta afirmação.

Tendo em consideração que esta tese reflete o culminar de todo o trabalho realizado no âmbito do meu Mestrado Integrado em Psicologia, gostaria de dar a minha gratidão genuína a todas as pessoas que contribuíram para que eu chegasse a este momento, apesar de estar consciente que me é impossível oferecer o mérito adequado àqueles que me apoiaram mais, nas ocasiões no qual as dúvidas me consumiram, e que estiveram ao meu lado durante todo o caminho.

Primeiramente, queria dar um agradecimento especial à Professora Doutora **Paula Mena Matos**. Obrigado pela sua orientação e disponibilidade durante todo este processo. Os seus conselhos e instruções permitiram-me desenvolver as minhas competências para a investigação, e a sua paciência e confiança em mim motivaram-me a seguir em frente, enfrentando os desafios que se manifestaram.

A todos os meus **amigos e colegas**, obrigado por ouvirem as minhas queixas, por percorrerem comigo esta etapa, e ajudando-me nos momentos de maior fragilidade e solidão.

Ao pessoal da FPCEUP, por esclarecer tantas questões e dúvidas acerca deste processo. Obrigado por terem feito este caminho, tão difícil e desconhecido, mais tolerante e satisfatório.

À minha **família**, simplesmente por serem a minha família. À minha **mãe** e ao meu **pai**, obrigado por todos os sacrifícios que fizeram por mim. Lamento todos aqueles momentos de maior tristeza e desespero, e espero que consegui fazer-vos orgulhosos. Ao meu **irmão mais novo**, a minha fonte de inspiração, obrigado pela tua coragem e por me motivares a nunca desistir perante as dificuldades da vida.

Resumo

Existem alguns estudos que até ao momento tentaram compreender o efeito do conflito na conciliação do trabalho e da família das figuras parentais nos Comportamentos de Externalização (CE) das crianças em idade pré-escolar. Contudo, poucos se focaram no papel do *stress* parental nesta associação, fazendo uso do casal de duplo emprego/rendimento como uma unidade de análise diádica. Apesar da escassez relativamente a este tema, alguns estudos demonstraram que o *stress* parental afeta o bem-estar físico e psicológico do pai e da mãe, assim como as suas competências parentais que, por sua vez, podem afetar o desenvolvimento da criança. O presente estudo tem como objetivo analisar o efeito do conflito na conciliação trabalho-família nas direções trabalho-família e família-trabalho, designado aqui de Conflito Geral (CG), o Conflito Trabalho-Família (CTF) e o Conflito Família-Trabalho (CFT) das figuras parentais no desenvolvimento dos CE das crianças, assim como o efeito de mediação do *Stress* Paterno (SP) e *Stress* Materno (SM) nesta associação. Recorreu-se a uma amostra diádica constituída por 346 casais de duplo rendimento, residentes no distrito do Porto e recolhida no âmbito do Projeto (RE)CONCILIAR: Impacto da Conciliação Trabalho-Família na Parentalidade e no Desenvolvimento das Crianças, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (PTDC/MHCCED/5218/2012). A análise dos resultados foi realizada aplicando o programa *PROCESS* (Hayes, 2013). Os efeitos mediadores encontrados comprovaram que o CG, o CTF e o CFT do pai e da mãe têm um efeito no CE da criança por meio do *stress* parental que cada um manifesta. Os resultados encontrados suportam a literatura existente acerca do impacto da dificuldade de conciliação das figuras parentais e do *stress* parental nos CE das crianças em idade pré-escolar.

Palavras-chave: conflito geral da conciliação, conflito trabalho-família, conflito família-trabalho, *stress* paterno, *stress* materno, comportamento de externalização

Abstract

There are some studies that have so far attempted to understand the effect of conflict in work-family conciliation of parents in the Externalizing Behavior (CE) of pre-school children. However, few studies have focused on the role of parental stress in this association, making use of a dual employment/income couple as a unit of dyadic analysis. Despite of the scarcity of this subject, some studies have shown that parental stress affects the physical and psychological well-being of both parents, as well as their parental skills, which in turn can affect the development of the child. The present study aims to analyze the effect of conflict in work-family conciliation in the work-family and family-work directions, designated here as General Conflict (CG), Work-Family Conflict (CTF) and Family-Work Conflict (CFT) of the parental figures in the development of children's CE, as well as the mediation effect of Paternal Stress (SP) and Maternal Stress (MS) in this association. A dyadic sample of 346 double income couples residing in the district of Porto was used and collected under the Project *(RE)CONCILIAR: Impacto da Conciliação Trabalho-Família na Parentalidade e no Desenvolvimento das Crianças*, financed by the Foundation for Science and Technology (PTDC/MHCCED/5218/2012). The analysis of the results was carried out applying the *PROCESS* program (Hayes, 2013). The mediating effects found in this study proved that fathers and mothers CG, CTF and CFT influence the CE of their children through the parental stress that each other manifests. The results support the existing literature about the impact of the difficulties in conciliation of both parents and parental stress in the CE of preschool children.

Keywords: general conflict of conciliation, work-family conflict, family-work conflict, paternal stress, maternal stress, externalization behavior

Résumé

Il y a des études qui ont jusqu'à présent essayé de comprendre l'effet du conflit sur la conciliation du travail et de la famille des figures parentales dans Comportements d'Extériorisation (CE) des enfants d'âge préscolaire. Cependant, peu d'études ont porté sur le rôle du stress des parents dans cette association, en utilisant la double unité double emploi / sortie comme une analyse dyadique. En dépit de la rareté sur cette question, certaines études ont montré que le stress des parents influe sur le bien-être physique et psychologique du père et la mère, ainsi que leurs compétences parentales qui, à son tour, peut affecter le développement de l'enfant. Cette étude vise à analyser l'effet du conflit dans la conciliation travail-famille dans directions du travail-famille et de la famille-travail, désigné ici comme Conflit Générale (CG), le conflit Travail-Famille (CTF) et le Conflit Famille-Travail (CFT) des figures parentales dans le développement du CE des enfants, ainsi que l'effet de la médiation du Stress Paternel (SP) et le Stress Maternelle (SM) cette association. Un échantillon recours à dyadique de 346 couples à double revenu résidant dans le district de Porto et collecté dans le cadre du Projet *(RE)CONCILIAR: Impacto da Conciliação Trabalho-Família na Parentalidade e no Desenvolvimento das Crianças*, financé par la Fondation pour la Science et la Technologie (PTDC/MHCCED/5218/2012). L'analyse a été réalisée en appliquant le procédé de programme *PROCESS* (Hayes, 2013). Les effets médiateurs trouvés prouvé que le CG, le FCT et le CFT du père et la mère ont un effet sur le CE mère de l'enfant par le stress parental que chaque manifeste. Les résultats confirment la littérature sur l'impact de la difficulté de concilier les figures parentales et le stress des parents sur le CE de l'enfant d'âge préscolaire.

Mots-clés: conflit de conciliation générale, conflit travail-famille, conflit famille-travail, stress paternel, stress maternelle, comportement extériorisant

Índice Geral

Introdução Teórica	1
1. Comportamentos de externalização na criança em idade pré-escolar	1
2. Parentalidade e problemas de externalização na criança em idade pré-escolar.....	3
3. Envolvimento das figuras parentais	5
4. Conflito na conciliação trabalho-família	6
5. <i>Stress</i> parental e comportamentos de externalização na criança	10
Método.....	11
1. Objetivos e hipóteses de estudo	11
2. Participantes e procedimentos	14
3. Instrumentos.....	16
3.1. <i>Questionário Sociodemográfico</i>	16
3.2. <i>Work-family Conflict Scale</i>	17
3.3. <i>Parental Stress Scale</i>	18
3.4. <i>Strenghts and Difficulties Questionnaire</i>	19
4. Desenho metodológico	20
Resultados.....	21
1. Análises preliminares.....	21
2. Modelos de mediação	24
Discussão	29
Referências bibliográficas	35

Índice de Tabelas

Tabela 1. Correlações de <i>Pearson</i> entre as variáveis sociodemográficas e as variáveis de estudo do pai.....	22
Tabela 2. Correlações de <i>Pearson</i> entre as variáveis sociodemográficas e as variáveis de estudo da mãe	22
Tabela 3. Correlações de <i>Pearson</i> entre conflito, <i>stress</i> e comportamentos da criança, alfas de Cronbach, diferenças de <i>Teste-T</i> e tamanhos de efeito.....	24
Tabela 4. Coeficientes significativos para o modelo com Conflito Geral como fator	25
Tabela 5. Coeficientes significativos para o modelo com Conflito Trabalho-Família como fator.....	26
Tabela 6. Coeficientes significativos para o modelo com Conflito Família-Trabalho como fator.....	27

Índice de Figuras

Figura 1. Modelo 1: Relações entre o Conflito Geral, <i>Stress</i> Parental e Comportamento de Externalização da Criança	28
Figura 2. Modelo 2: Relações entre o Conflito Trabalho-Família, <i>Stress</i> Parental e Comportamento de Externalização da Criança	28
Figura 3. Modelo 3: Relações entre o Conflito Família-Trabalho, <i>Stress</i> Parental e Comportamento de Externalização da Criança	29

Introdução Teórica

1. Comportamentos de externalização na criança em idade pré-escolar

A idade pré-escolar representa um período de grande mudança para a criança (i.e., crescimento físico e locomotor, linguagem, controlo do impulso, compreensão sociocognitiva, conceção do *self*, processos cognitivos executivos, desejo de autonomia) e tem um efeito importante na natureza e na qualidade das relações entre as figuras parentais e a criança. Estas mudanças estão na origem do desenvolvimento de novas capacidades comportamentais e comunicacionais que permitem à criança interagir com o seu meio (Lamb & Lewis, 2010). Contudo, durante esta fase da vida, a criança aprende muito acerca das expressões emocionais e comportamentos através das figuras parentais. Deste modo, a criança encontra-se mais vulnerável ao desenvolvimento de comportamentos de externalização problemáticos devido a associação que existe entre as expressões emocionais e comportamentais inapropriadas das figuras parentais, e os problemas de externalização posteriores da criança (Newland & Crinic, 2011).

Antes de mais, é importante referir que os problemas de externalização se diferenciam significativamente dos problemas de internalização. Os problemas de internalização costumam envolver problemas associados para o interior, tipicamente relacionados com a depressão, ansiedade e o humor desorganizado (Garnefski, Kraaij, & Etten, 2005). Por sua vez, os problemas de externalização envolvem problemas que se associam ao exterior, tal como comportamento delinvente, agressivo, desorganizado e hiperativo, e características (i.e., desafio, oposição, agressão física e verbal, comportamentos antissociais, desatenção, hiperatividade) que podem ter impacto negativo noutros grupos sociais (Crick & Grotpeter, 1995; Resnick & Burt, 1996). Além disso, podem estar na origem de patologias comportamentais com prevalência elevada em crianças e adolescentes, como a Perturbação do Comportamento, Desafiante de Oposição e de Hiperatividade/Défice de Atenção (American Psychiatric Association, 2013; Pacheco, Alvarenga, Reppold, Piccinini, & Hutz, 2005; Salavessa, 2015).

Vários estudos empíricos implementaram a definição operacional de problemas de externalização e associaram-no ao conceito de comportamento antissocial na investigação dos comportamentos da criança (Pacheco et al., 2005). Os comportamentos antissociais são extensivamente utilizados como referência às características de múltiplas perturbações

mentais (e.g., Perturbação Antissocial da Personalidade, Perturbação do Comportamento, Perturbação Desafiante de Oposição) e designam o caráter agressivo e desafiador do comportamento de indivíduos que provocam prejuízos no seu funcionamento social (e.g., agressividade, desobediência, baixo controlo de impulsos, roubos, fugas). Contudo, os comportamentos antissociais não implicam necessariamente a formação de um diagnóstico clínico, apesar de se diferenciarem dos problemas de externalização através da natureza particular do padrão comportamental partilhado pelas perturbações mentais (American Psychiatric Association, 2013; Pacheco et al., 2005). Por outro lado, a definição de problemas de externalização engloba as características associadas aos problemas antissociais (Lambert, Whaler, Andrade, & Bickman, 2001; Pacheco et al., 2005), visto que estão relacionados com a manifestação de agressividade, impulsividade e comportamentos delinquentes, assim como à uma variedade de perturbações. Consequentemente, os problemas de externalização são caracterizados pela maximização da gratificação imediata e o evitamento das exigências sociais (Pacheco et al., 2005).

Segundo o modelo desenvolvimental (Moffitt, 1993), os indivíduos que manifestaram problemas de comportamentos e comportamentos antissociais (ou outras fragilidades similares) durante a infância estão mais propensos para desenvolver patologias durante a idade adulta (Salavessa, 2015). Estes “comportamentos antissociais persistentes ao longo da vida” condicionam o desenvolvimento da criança e estão normalmente associados a várias dificuldades (i.e., neurodesenvolvimentais, interações ambientais, infância árdua) e as características da criança (i.e., temperamento difícil, fracas competências de comunicação e sociais). Por esta razão, não é de surpreender que as dificuldades exibidas pelas crianças de idade precoce com comportamentos antissociais possam persistir até a idade adulta (Donker, Smeenk, Lann, & Verhulst, 2003; Moffitt, 1993; Salavessa, 2015).

Vários autores (e.g., Barry et al., 2000; Frick et al., 2003; Wakschlag, Tolan, & Leventhal, 2010) enfatizam a importância dos fatores de risco exibidos pela criança em idade pré-escolar (i.e., culpa, baixa empatia, frieza emocional, desrespeito pelos outros) que contribuem para o desenvolvimento dos comportamentos antissociais e os problemas de externalização (Kochanska, Kim, Boldt, & Yoon, 2013), sobretudo em termos de comportamentos de inibição e realização académica (Heller, Baker, Henker, & Hinshaw 1996). Aliás, múltiplos estudos longitudinais identificaram que são, maioritariamente, as crianças em idade pré-escolar com défices cognitivos e problemas linguísticos que apresentam uma maior prevalência de problemas de externalização (e.g., Cantwell & Baker, 1991; Mann & Brady, 1988; Schonfeld, 1990). Todavia, apesar da persistência destes

problemas em crianças estar bem fundamentada (Egeland, Kalkose, Gottesman, & Farrell-Erickson, 1990), nem todas as crianças em idade pré-escolar demonstram dificuldades a longo prazo (Campbell, March, Pierce, Ewing, & Szumowski, 1991), possivelmente devido à existência de fatores protetores, que visam a redução da parentalidade negativa, e o aumento da parentalidade positiva e do calor parental (Hanisch, Hautmann, Pluck, Eichelberger, & Dopfner, 2013).

Adicionalmente, existem diferenças significativas entre raparigas e rapazes em idade pré-escolar (Gür et al., 2015). As raparigas apresentam melhores capacidades sociais e uma menor prevalência de comportamentos delinquentes, problemas emocionais e comportamentais (e.g., Baxendale, Cross, & Johnston, 2012; Gür, et al., 2015; Lösel & Stemmler, 2012; Moffitt, Caspi, Rutter, & Silva, 2001; Piquero, Carriaga, Diamond, Kazamian, & Farrington, 2012). Além disso, as raparigas parecem demonstrar mais problemas de internalização, sendo que a depressão ou a ansiedade poderão contribuir para o desenvolvimento da delinquência feminina (Byrne, Byrne, & Reinhart, 1995; Lösel & Stemmler, 2012), e também enfatizam mais problemas familiares (Lösel & Stemmler, 2012; Moffitt et al., 2001; Stemmler & Lösel, 2012). Por comparação, os rapazes têm maior tendência em desenvolver problemas de externalização, tal como desafiar e provocar adultos, ou comportar-se de forma inapropriada e agressiva (Gür et al., 2015; Salavessa, 2015). Além disso, relevam maior estabilidade temporal nos problemas de externalização, sobretudo quando os problemas surgem durante a idade pré-escolar, e estes estão positivamente correlacionados com o comportamento criminoso (Lösel & Stemmler, 2012; Stemmler & Lösel, 2012). Os rapazes em idade pré-escolar apresentam maiores níveis de raiva e agressão, e recorrem a um tipo de agressão mais direta ou proactiva, enquanto as raparigas parecem ser mais propensas a usar um tipo de agressão mais indireta, reativa ou verbal (e.g., Fontaine, 2007; Gür, et al., 2015; Lösel & Stemmler, 2012).

Em suma, os comportamentos de externalização e internalização podem afetar o processo das interações sociais das crianças e, inclusivamente, causar o isolamento social e evitamento de atividades sociais apropriadas para o desenvolvimento de competências sociais (Gür et al., 2015).

2. Parentalidade e problemas de externalização na criança em idade pré-escolar

De modo geral, as características individuais da criança e a qualidade da interação parental determinam os resultados adaptativos e mal adaptativos da criança, incluindo o seu ajustamento socio-emocional, desenvolvimento de competências, saúde mental e problemas comportamentais (Boldt, Kochanska, Yoon, & Nordling, 2014; Kochanska et al., 2013). Os traços individuais de crianças mais propensas a raiva e com temperamento difícil (e.g., culpa, baixa empatia, desconsideração pelos sentimentos de outros) são mais frequentemente percebidos, predominantemente por psicólogos desenvolvimentais, como moderadores que determinam esta interação e os resultados desenvolvimentais e de adaptação psicossocial da criança (Kochanska et al., 2013). Diversos estudos sugerem que as características e qualidades da parentalidade conjunta, i.e., a interação entre as figuras parentais, são um fator essencial para a previsão do desenvolvimento e dos resultados da criança (e.g., Kiff, Lengua, & Zalewski, 2011; Rothbart & Bates, 2006).

A parentalidade é um fator importante e transversal a várias idades da criança, estando associado ao ajustamento social, ao comportamento e aos resultados desenvolvimentais. No entanto, as qualidades negativas da relação precoce da criança e as características da parentalidade negativa das figuras parentais servem como fatores determinantes para o desenvolvimento de problemas de externalização (Kochanska et al., 2013). Parece consensual que a parentalidade negativa, que inclui o afeto negativo (i.e., irritabilidade, frustração, *stress*) e a hostilidade (i.e., raiva, aborrecimento, rejeição, desânimo), está relacionada com o comportamento antissocial da criança em idade pré-escolar (Danzig, Dyson, Olino, Lupton, & Klein, 2015). A incapacidade da figura parental na socialização positiva da criança traduz-se na dificuldade da criança em demonstrar comportamentos sociais apropriados que lhe permitem o ajustamento, que por sua vez possibilita-lhe a aceitação pelos pares e o maior sucesso académico (Belsky & Pluess, 2009; Bradley & Corwyn, 2008; Danzig et al., 2015; Kim & Kochanska, 2012; Kochanska et al., 2013). Contrariamente, a parentalidade positiva, conceptualizada pelo afeto positivo e o apoio caloroso, predizem melhores competências sociais na criança em idade pré-escolar, incluindo menores problemas de externalização, mais competências sociais e melhores resultados adaptativos (e.g., Danzig et al., 2015; Green & Baker, 2011; Lunkenheimer, Olson, Hollenstein, Sameroff, & Winter, 2011).

Parece existir uma associação entre o estilo parental e o desenvolvimento de CE na criança em idade pré-escolar. Em geral, o pai costuma apresentar mais o estilo autoritário ou permissivo (Lamb & Lewis, 2010) e a mãe costuma apresentar mais o estilo autoritário, sendo que este tem um papel mais importante na predição dos comportamentos de

externalização e de internalização da criança em idade pré-escolar (Heller et al., 1996; Oliveira et al., 2002). Devido à natureza controladora e exigente do estilo parental autoritário, este pode manter problemas comportamentais precoces nas crianças (Heller et al., 1996).

Apesar disso, continua geralmente desconhecido se o impacto da parentalidade na criança é moderado pelos seus CE, particularmente no que diz respeito à questão do desenvolvimento de problemas patológicos associados aos CE. No entanto, sabe-se que as psicopatologias maternas e paternas estão associadas com comportamentos mal adaptativos na criança (Phares, Rojas, Thurston, & Hankinson, 2010). Apesar disso, existe menos investigação sobre o bem-estar paterno, sendo que a maioria da investigação se foca no bem-estar da mãe, embora se assista a mudanças por causa do maior envolvimento do pai na educação da criança que se tem verificado nas últimas décadas (Baker & Heller, 1996).

3. Envolvimento das figuras parentais

Nos últimos anos verificou-se uma transformação na estrutura familiar, tanto em Portugal como noutras sociedades ocidentais (Instituto Nacional de Estatística, 2013; Stephens, 2009). Há um número cada vez maior de mães ativas no mercado de trabalho e mudanças ocorridas na perceção dos papéis de género (Instituto Nacional de Estatística, 2013). Isso conduziu à emergência de novas expectativas dos papéis de mães e pais, tornando-se progressivamente mais igualitários e contrapondo-se à perspetiva tradicional da família – em que o pai é considerado o suporte financeiro, disciplinador, agressivo e assertivo, e a mãe é responsável pela família, tarefas domésticas e administração da casa, sendo por isso, supostamente, mais sensível, carinhosa e emocional (Monteiro, Torres, Verrísimo, Costa, & Freitas, 2015; Simões & Hashimoto, 2012; Stephens, 2009). Mesmo com a entrada da mulher no mundo de trabalho, as mulheres continuam a estar mais disponíveis para as crianças, especialmente durante os primeiros meses de vida, vivenciando, por isso, muitas vezes dificuldades em conciliar as funções profissionais e familiares (Lamb & Lewis, 2010; Parke, 2002; Simões & Hashimoto, 2012). Por isso, a criança sente-se, em geral, emocionalmente mais chegada à mãe (Stephens, 2009) e o afeto negativo da mãe pode estar fortemente associado à externalização de emoções e comportamentos na criança (Newland & Crnic, 2011).

Apesar disso, não se pode negligenciar a importância e o impacto da relação do pai com a criança, pois este desempenha um papel especial no desenvolvimento da criança (Lamb & Lewis, 2010; Paquette, 2004). Atualmente, os pais investem uma maior quantidade significativa de tempo e recursos nas suas crianças (Lamb, Pleck, Charnov, & Levine, 1985; Pimenta, Veríssimo, Monteiro, & Costa, 2010), e tornaram-se mais ativos e envolvidos na vida dos seus filhos (Lamb, 2010). O maior contacto do pai com a criança possibilita-lhe uma melhor compreensão da própria criança e do papel que a mãe tem no cuidado da criança (Parke, 2002). Contudo, as crenças das mães acerca do papel do pai podem moderar o nível de envolvimento do pai com os filhos (Monteiro et al., 2015; McBride et al., 2005). Por outro lado, os pais também afetam os comportamentos maternos (Lamb & Lewis, 2010). Homens com uma visão mais moderna do papel do pai, que vai além do simples suporte financeiro, demonstraram níveis mais elevados de monitorização, afetos e envolvimento relativamente às suas crianças. Por sua vez, estes níveis elevados apresentam um papel significativo para o desenvolvimento da criança em idade pré-escolar (McBride & Rane, 1997). A criança que apresenta um pai envolvido, i.e., um pai que aceita o compromisso paternal, é mais acessível e responsável (Lamb et al., 1985), apresenta maiores competências cognitivas, empatia, menores crenças estereotipadas em relação ao género, e maior controlo de *locus* interno (Lamb, 2010). Semelhantemente à mãe, o ajustamento psicológico do pai pode afetar a dinâmica familiar e pode apresentar consequências a longo prazo nas crianças em idade pré-escolar, designadamente problemas de conduta e hiperatividade (Lamb & Lewis, 2010).

Ambas as figuras parentais parecem encorajar a exploração da criança e ajustam os seus comportamentos conforme as competências e o nível de desenvolvimento da criança (Lamb, 2010). Além disso, parece que, quando as duas figuras parentais estão presentes, ambas interagem com a criança com igual frequência (Parke, 2002) e partilham responsabilidade nos cuidados da criança (Lamb & Lewis, 2010). Todavia, a relação conjugal conflituosa é um forte preditor da emergência de CE problemáticos nas crianças em idade pré-escolar (Oliveira et al., 2002). Desse modo, parece que é a qualidade (e não a quantidade) da interação do pai e da mãe com a criança que se associa com o desenvolvimento geral da criança (Parke, 2002).

4. Conflitos na conciliação trabalho-família

As alterações na sociedade e no mundo de trabalho nas últimas décadas resultaram com que o tema dos conflitos e conciliação das responsabilidades do trabalho e da família assumissem atualmente uma maior relevância (Santos, 2015). Poucos estudos investigaram o impacto do conflito na conciliação entre o trabalho e a família no exercício da parentalidade, e em indicadores desenvolvimentais e de adaptação da criança, designadamente no desenvolvimento de problemas comportamentais na criança (para exceções, e.g., Eby, Casper, Lockwood, Bordeaux, & Brinley, 2005; Vieira, Matias, Ferreira, Lopez, & Matos, 2016). A maioria da investigação não explorou a dinâmica das experiências do trabalho e da família ao longo do tempo, e estudou, maioritariamente, famílias com uma educação e estatuto ocupacional superior, assim como profissionais e trabalhadores de classe média (Bass, Butler, Grzywacz, & Linney, 2009).

As famílias de rendimento duplo, isto é, sistemas familiares onde ambos os elementos do casal exercem trabalho remunerado, enfrentam, atualmente, desafios mais complexos em equilibrar as responsabilidades do trabalho e familiares, pois as figuras parentais têm que assumir uma multiplicidade de papéis (Bass et al., 2009; Lin, Chen, & Li, 2016; Matias, Andrade & Fontaine, 2011; Santos, 2015; Vieira, Lopez, & Matos, 2014; Vieira et al., 2016). Segundo a *Social Identity Theory* (Tajfel & Turner, 1986), os papéis das figuras parentais estão organizados numa hierarquia que lhes permite o envolvimento em múltiplos papéis sociais (Santos, 2015; Sousa, 2016). A sobreposição destes papéis pode aumentar o risco de experienciar conflitos trabalho-família (Higgins, Duxbury, & Lyons, 2010; Lin et al., 2016). Por sua vez, a *Role Strain Theory* (Kahn, Wolfe, Quinn, Snoek & Rosenthal, 1964 cit. em Geurts & Demerouti, 2003 e Buonocore & Russo, 2013) defende que a conciliação dos múltiplos papéis pode gerar *stress* (Santos, 2015). Juntamente com o *stress* e os conflitos associados com a educação infantil, as figuras parentais estão sob um elevado nível de pressão e apresentam, comparativamente com casais sem filhos, uma menor satisfação no trabalho e no casamento, que pode influenciar negativamente as suas crianças (Lin et al., 2016). O *stress* do trabalho diário também pode ter como consequência o afastamento das figuras parentais das interações familiares (Bass et al., 2009). Segundo Greenhaus e Powell (2006) o conflito entre o trabalho e família resulta da competição das responsabilidades e papéis que, em alguns aspetos, são incompatíveis, e das exigências psicológicas e emocionais associadas na participação dos vários papéis das figuras parentais, podendo levar ao esgotamento do seu tempo e recursos (Carlson, Kacmar, & Williams, 2000; Santos, 2015; Vieira, Ávila, & Matos, 2012; Vieira et al., 2016). Assim, o conflito entre o trabalho e a família é um conceito multidimensional que designa a tensão entre os domínios do trabalho

e da família (Bruck, Allen, & Spector, 2002; Santos, 2015), podendo ser reforçado pelo *stress* familiar e as tarefas domésticas (Matias et al., 2011). Consequentemente, isso poderá diminuir o bem-estar físico e psicológico das figuras parentais, assim como a sua qualidade de vida em geral (Greenhaus & Powell, 2006; Santos, 2015; Vieira et al., 2012; Vieira et al., 2014; Vieira et al., 2016), estando associado com a diminuição da satisfação marital e familiar, e ao *stress* familiar (Santos, 2015).

Neste contexto podem ocorrer dois efeitos que demonstram como as exigências do trabalho podem influenciar os processos familiares. O primeiro efeito refere-se ao *efeito de contaminação*, caracterizado pela transferência das experiências de um domínio para o outro (Bass et al., 2009; Edwards & Rothbard, 2000). Em geral, nos dias em que os pais experienciam outros *stressores* (e.g., trabalho, tarefas de casa), eles são mais prováveis de experienciar *contaminação de tensão* do que em dias sem *stress*. Além disso, os pais também relatam mais *contaminação* quando as suas companheiras estavam a trabalhar a tempo inteiro. No que diz respeito às mães, elas apresentam mais *contaminação de tensão* em famílias com adolescentes (Almeida, Wethington, & Chandler, 1999). O segundo efeito é identificado quando a experiência de uma pessoa influencia a experiência de um outro membro familiar através de um processo de transmissão, sendo designado por *crossover* (Bass et al., 2009; Westman, 2001).

Conforme o modelo ecológico de Brofenbrenner (1979), que propõe uma compreensão contextualizada da situação familiar da criança, as experiências de trabalho das figuras parentais podem afetar, de maneira diferente, a qualidade da relação entre a figura parental e a criança, tal como o próprio desenvolvimento da criança (Vieira et al., 2016). A *Boundary Theory* (Ashforth, Kreiner, & Fugate, 2000) fornece mais uma estrutura conceptual que permite compreender as experiências da figura parental sobre o trabalho e a parentalidade. Segundo esta teoria as figuras parentais organizam as suas vidas através da criação de papéis com barreiras psicológicas que se centram nas tarefas e nas expectativas de cada papel (Bass et al., 2009). Complementarmente, a *Family System Theory* (Whitchurch & Constantine, 1993 cit. em Bass et al., 2009) determina que uma fronteira define o sistema da família e do trabalho, criando, deste modo, a interface entre os sistemas (Bass et al., 2009). As figuras parentais podem transitar entre os papéis, o que por sua vez pode ser facilitado ou dificultado através da flexibilidade e permeabilidade das fronteiras dos papéis. Através deste processo as figuras parentais podem criar interseções altamente *segmentadas* entre os domínios - baixa flexibilidade e permeabilidade - ou interseções *integradas* - alta flexibilidade e permeabilidade (Bass et al., 2009).

O conflito entre o trabalho e a família é de natureza bidirecional, e pode ser analisado segundo o tempo, a tensão e o comportamento (Greenhaus & Beutell, 1985; Lassance & Sarriera, 2009; Santos, 2015). As experiências parentais de famílias de rendimento duplo podem ser influenciadas pela forma como as figuras parentais percebem o impacto negativo e positivo do trabalho na sua vida familiar (Vieira et al., 2016). Desta forma, as crianças de figuras parentais que vivenciam um nível elevado de *stress* estão mais vulneráveis a sofrerem de mal ajustamentos (Luthar, Barkin, & Crossman, 2013). Contudo, existe a possibilidade de que os múltiplos papéis possam fornecer às figuras parentais mais recursos (e.g., competências, conhecimentos, rendimento), que por sua vez podem trazer vários benefícios, inclusive um maior bem-estar pessoal (Vieira et al., 2014; Vieira et al., 2016).

A relação das figuras parentais com as crianças parece estar associada com a maneira como as figuras parentais equilibram o trabalho e a família (Vieira et al., 2016). O menor conhecimento parental acerca das suas crianças, ou seja, o desconhecimento das figuras parentais acerca das experiências das suas crianças (tipicamente caracterizadas por um baixo nível de supervisão e monitorização parental) encontra-se associado a uma variedade de resultados negativos para a criança (Bumpus, Crouter, & McHale, 1999). Parece então que as experiências das figuras parentais relativamente ao trabalho diário podem ter um impacto no funcionamento familiar. As figuras parentais que estão expostas a um elevado nível de *stress* crónico do trabalho parecem ter menor envolvimento com a sua criança e uma atitude mais controladora, assim como relações mais conflituosas nas suas famílias (Bass et al., 2009; Repetti & Wood, 1997).

Apesar de a interferência trabalho-família ser considerado mais forte e dominante, verifica-se que existe uma influência do género da figura parental, sendo que geralmente, ao contrário das mulheres que experienciam mais CFT, os homens vivenciam mais CTF (Greenhaus & Beutell, 1985; Matias et al., 2011; Santos, 2015). Esse padrão também é comum em famílias portuguesas de duplo rendimento com crianças em idade pré-escolar, destacando a força dos papéis de género mais tradicionais (Matias et al., 2011). Enquanto a experiência do conflito entre trabalho e a família da mãe parece contribuir para os problemas de externalização da criança, a experiência do pai parece estar mais associada tanto a problemas de internalização como de externalização da criança (Vieira et al., 2016).

Em Portugal, o padrão familiar mais comum são as famílias de duplo rendimento que trabalham a tempo inteiro, sendo que também é um dos países da União Europeia (UE) com maior número de mulheres a trabalhar fora de casa (Vieira et al., 2014). Apesar disso, a

sociedade portuguesa continua a valorizar mais a maternidade do que a paternidade e as expectativas tradicionais baseadas no género continuam muito prevalentes e assimétricas, sobretudo relativamente à divisão diária de atividades familiares, no qual as mulheres continuam a ser a principal responsável para o cuidado da criança e tarefas domésticas. Desta forma, a exigência contextual que a sociedade portuguesa coloca em adultos empregados de ambos os géneros e os papéis de género tradicionais, contribuem para uma situação potencialmente desafiadora, exigente e *stressante* para as famílias portuguesas, particularmente para as mulheres (Vieira et al., 2014).

5. *Stress* parental e comportamentos de externalização na criança

A parentalidade pode ser uma experiência gratificante e satisfatória, mas ao mesmo tempo pode originar um elevado nível de *stress*, exaustão e tensão emocional. O *stress* parental foi definido como a vivência de excessiva tensão no sistema familiar que perturba o equilíbrio familiar e pode ter repercussões numa variedade de domínios, inclusive na satisfação do trabalho (Carlson et al., 2000; Vieira et al., 2012). Esta tensão resulta de uma discrepância percebida entre as exigências parentais e os recursos de *coping* das figuras parentais (Östberg, Hagekull, & Hagelin, 2007; Vieira et al., 2012). Esta área necessita de mais investigação, sobretudo porque o *stress* parental está associado (e pode afetar) à maturidade e comportamentos da criança (Hart & Kelley, 2006).

Mas como é que o *stress* parental se associa com os CE da criança? Apenas um pequeno número de estudos considera a interação bidirecional entre as características da criança e os processos parentais que poderão, ao longo do tempo, estar envolvidos na continuidade dos sintomas de externalização da criança (Campbell et al., 2010). Contudo, sabe-se que o efeito do comportamento da criança sobre o comportamento parental pode tornar-se mais forte ao longo do seu desenvolvimento, sobretudo quando se tem em conta o aumento das capacidades cognitivas e sociais da criança durante a idade pré-escolar, e que, nesta medida, consegue influenciar mais ativamente o seu meio (Cox, Mills-Koonce, Propper, & Garipey, 2010; Lansford, Criss, Pettit, Dodge, & Bates, 2003; Scaramella, Conger, Spoth, & Simons, 2002).

Figuras parentais com crianças que apresentam problemas de externalização relatam maior *stress* associado com a criança, bem como um menor sentido de eficácia parental (Baker & Heller, 1996). Hart e Kelley (2006) analisaram a relação entre variáveis de trabalho

e família, e os comportamentos de internalização e externalização das crianças em 132 casais de rendimento duplo com crianças em idade pré-escolar. Descobriram que os conflitos na conciliação do trabalho e da família das mães, o *stress* parental, o número de horas que os pais trabalham, e as crenças da mãe acerca do envolvimento do pai, prediziam os sintomas de externalização das crianças. Apesar disso, existe pouca investigação acerca de como a conciliação dos múltiplos papéis dos pais contribui para o *stress* parental. Mas sabe-se que uma maior competência social da criança está associada com um menor relato de *stress* parental (McBride, Schoppe, & Rane, 2002).

A relação bidirecional e contínua entre o *stress* parental e os problemas comportamentais da criança (Hagborg, 1989; Kazak, 1987; Vieira et al., 2014) sugere que o *stress* parental engloba tanto as características da criança, como as da figura parental. Pode ser proposto que os CE da criança são causadores do *stress* parental, são consequências do *stress* parental, ou, mais provavelmente, uma combinação de ambos (Baker & Heller, 1996).

Finalizando, desta maneira consegue-se constatar a relevância da interação entre as características das figuras parentais e as características da criança em idade pré-escolar para o desenvolvimento das capacidades da criança (e.g., comportamento, ajustamento social, expressão emocional, competência cognitivo), assim como para a investigação dos fatores desta relação que contribuem para o aparecimento dos problemas de externalização nas crianças.

Método

1. Objetivos e hipóteses de estudo

Ao longo das últimas décadas, diversos estudos apontaram que a dinâmica de conflito na conciliação trabalho-família pode exercer um potencial efeito prejudicial nos múltiplos papéis das figuras parentais (Allen, Herst, Bruck, & Sutton, 2000; Bianchi & Milkie, 2010; Vieira et al., 2016; Byron, 2005), sobretudo em virtude das mudanças observadas na estrutura da família e do trabalho (e.g., entrada da mulher no mundo do trabalho, famílias de duplo rendimento), e designadamente no aumento das responsabilidades laborais e domésticas das mães e dos pais (Allen et al., 2000). As figuras parentais apresentam uma quantidade limitada de recursos (i.e., tempo, energia) que podem ser esgotados através da

participação em múltiplos papéis, resultando num conflito que é criado a partir da competição das responsabilidades relacionadas com a participação naqueles papéis (Greenhaus & Beutel, 1985; Vieira et al., 2012; Vieira et al., 2014). De acordo com a investigação, o conflito entre o trabalho e a família encontra-se associado às experiências parentais negativas, tais como o *stress* parental (Vieira et al., 2012; Vieira et al., 2016) e às interações entre as crianças e as figuras parentais (Cinamon, Weisel, & Tzuk, 2007; Cooklin et al., 2015; Vieira et al., 2016). Ou seja, a capacidade das figuras parentais em equilibrar o papel de trabalhador e o papel familiar influencia o próprio bem-estar psicológico das figuras e a qualidade das relações com as suas crianças. Portanto, o conflito, ou a dificuldade, de conciliação entre a vida laboral e a vida familiar das figuras parentais parece estar associado a uma multiplicidade de resultados relacionados com o *stress* físico e psicológico das figuras parentais (Allen et al., 2000), assim como aos CE da criança (Vieira et al., 2016).

As figuras parentais são constantemente desafiadas pelos comportamentos das suas crianças, cujo impacto cumulativo pode manifestar-se em *stressores* vivenciados por eles (Crnic & Greenberg, 1990). De facto, o *stress* parece estar associado à dinâmica família-trabalho (Lin et al., 2016; Vieira et al., 2012; Vieira et al., 2014; Vieira et al., 2016), uma vez que o conflito das figuras parentais com as suas crianças e o conflito entre trabalho e a família têm o potencial de ser, para muitos indivíduos, uma grande fonte de *stress* (Carlson et al., 2000; Crnic & Greenberg, 1990; Vieira et al., 2014). O tempo que as figuras parentais investem no trabalho e na criança tem impacto na capacidade deles em lidar com o *stress*. Mas também pode influenciar as expectativas que eles apresentam acerca dos comportamentos adequados para o papel de trabalhador e de figura parental, assim como nas suas capacidades de demonstrar os comportamentos adequados no contexto laboral e familiar (Vieira et al., 2014). A avaliação que as figuras parentais fazem dos eventos *stressantes* pode ter implicações significativas na função familiar, parental e da criança (Crnic & Greenberg, 1990). Os recursos contextuais do *stress* têm um papel importante na parentalidade e conseguem influenciar de maneira direta, e indiretamente, o desenvolvimento da criança (Belsky, 1984). Geralmente, o maior nível de *stress* está significativamente associado com piores interações criança-figura parental, e com menor desenvolvimento das competências na criança. Isso é bastante visível em famílias com crianças muito jovens, uma vez que o comportamento que eles manifestam pode criar situações desafiantes que interferem nas responsabilidades parentais (Crnic & Greenberg, 1990). Sendo assim, as figuras parentais de crianças com CE relatam maiores níveis de *stress* parental do que figuras parentais de crianças que não apresentam CE (Mash & Johnston,

1990). O papel parental parece ser uma fonte particularmente significativa de *stress* na vida das mulheres, visto que estão envolvidas numerosas obrigações e responsabilidades associadas ao papel de mãe (Barnett & Baruch, 1985). Na verdade, os desafios diários experienciados pelas mães aumentam a probabilidade de as crianças responderem de forma mais agressiva, sugerindo que o *stress* manifestado pela mãe contribui significativamente para o desenvolvimento de problemas comportamentais nas crianças (Crnic & Greenberg, 1990; Patterson, 1988). De forma adicional, parece existir uma associação entre a relação conjugal e a saúde das figuras parentais (e.g., Barr & Simons, 2014; Umberson, Williams, Powers, Liu, & Needham, 2006). A interação diádica do casal funciona na medida em que um elemento do casal influencia a vida do outro elemento através de um efeito de companheiro, no qual se destacam as características interpessoais (e.g., suporte, tensão com o parceiro) e o comportamento do parceiro, e o contexto ao nível do casal, desta forma afetando a saúde física e mental (i.e., *stress*) de ambos os elementos do casal (Barr & Simons, 2014).

Em resumo, a relação entre a criança e as figuras parentais consegue influenciar uma variedade de domínios (Croft, Stride, Maughan, & Rowe, 2015; Hart & Kelley, 2006; Kamphaus & Reynolds, 2006), inclusive os problemas de comportamentos precoces da criança, que por sua vez pode ser um fator preditor para posteriores problemas de externalização (Kersten et al., 2015). A criança pode ser afetada, especialmente em famílias de duplo rendimento, pela capacidade de as figuras parentais em conciliar o trabalho e a família (Barnett, Shanahan, Deng, Haskett, & Cox, 2010; Vieira et al., 2016), e pelo *stress* parental daí decorrente (Belsky, 1984; Crnic & Greenberg, 1990; Mash & Johnston, 1990; Stoneman, Brody, & Burke, 1989). Tendo isso em consideração, é a qualidade das relações familiares, especificamente as relações criança-figuras parentais, que promovem o desenvolvimento social, emocional e cognitivo da criança (Collins, Maccoby, Steinberg, Hetherington, & Bornstein, 2000), e influencia uma variedade de resultados na criança (Barnett et al., 2010; Rinaldi & Howe, 2012).

À luz da literatura disponível e do conhecimento que foi construído, o estudo foca-se na análise entre o conflito na conciliação entre o trabalho e a família, o *stress* parental e os problemas de externalização de crianças em idade pré-escolar. De modo mais específico, o presente estudo pretende analisar em famílias de duplo rendimento com crianças em idade pré-escolar: (a) a associação entre conflito na conciliação trabalho-família das figuras parentais (do pai e da mãe) e o desenvolvimento dos CE dos filhos (rapazes e raparigas); (b) a associação entre conflito na conciliação trabalho-família e *stress* parental; (c) a associação

entre *stress* parental (do pai e da mãe) e o desenvolvimento dos CE dos filhos; (d) a existência de um efeito de mediação do *stress* parental na associação entre conflito trabalho-família e comportamentos de externalização da criança; (e) a existência de efeitos diádicos (i.e., dos companheiros) nas associações anteriores, para além dos efeitos de variáveis dos próprios intervenientes.

Como tal, foram construídas as seguintes hipóteses de investigação, que, por sua vez, permitiram explicitar e investigar as associações entre estas variáveis:

H1. Os problemas de externalização são menos comuns em crianças em idade pré-escolar cujas figuras parentais apresentam uma melhor conciliação trabalho-família.

H2. As figuras parentais que apresentam uma melhor conciliação trabalho-família manifestam menores níveis de *stress* parental.

H3. Os problemas de externalização são menos comuns em crianças em idade pré-escolar cujas figuras parentais manifestam menores níveis de *stress* parental.

H4. O *stress* parental apresenta um efeito de mediação na associação entre a conciliação trabalho -família das figuras parentais e os problemas de externalização observados nas crianças em idade pré-escolar.

H5. O conflito na conciliação trabalho-família de um elemento do casal interfere no *stress* parental manifestado pelo parceiro por meio da interação diádica existente na relação conjugal.

2. Participantes e procedimentos

Os dados disponibilizados para este estudo foram previamente recolhidos no âmbito do Projeto (RE)CONCILIAR: Impacto da Conciliação Trabalho-Família na Parentalidade e no Desenvolvimento das Crianças (PTDC/MHC-CED/5218/2012). Este projeto foi desenvolvido pela Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação da Universidade do Porto, no Centro de Psicologia da Universidade do Porto, tendo sido financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia e aprovado pela Comissão de Ética da Faculdade de

Psicologia e de Ciências de Educação da Universidade do Porto. Possui como propósito a procura e compreensão do impacto das dinâmicas de conciliação trabalho-família no exercício da parentalidade e no desenvolvimento socio-emocional da criança em idade pré-escolar, bem como os fatores que dificultam ou facilitam estas dinâmicas (PTDC/MHC-CED/5218/2012).

Esta amostra de conveniência consiste em 346 casais portugueses heterossexuais que reconheceram estarem numa relação de duplo rendimento e a viverem em sistemas familiares que agregam, pelo menos, uma criança em idade pré-escolar, com idades que compreendem os três e seis anos de idade. Os casais foram recrutados entre maio de 2013 e outubro de 2015, através de uma variedade de infantários e instituições públicas ou privadas, localizados no distrito do Porto, que foi frequentado, no mínimo, por um dos filhos. Após obter a autorização dos infantários e instituições, foram explicados aos participantes os objetivos gerais do estudo, esclarecendo e assegurando a confidencialidade das respostas e a natureza voluntária deste estudo, sendo que aqueles que aceitaram participar preencheram uma declaração de consentimento informado. Os educadores dos infantários e instituições entregaram o protocolo a cada elemento do casal, juntamente com dois envelopes abertos e devidamente identificados para o homem e para a mulher. O casal foi instruído a responder aos protocolos separadamente, sendo posteriormente devolvidos nos envelopes adequadamente selados.

A maioria dos casais está casada (92.8% dos homens e 92.2% das mulheres) ou vive em união de facto (7.2% dos homens e 7.5% das mulheres). As idades variam de 24 a 54 anos para os homens ($M = 36.9$, $DP = 5.11$), e de 26 a 49 anos para as mulheres ($M = 35.5$, $DP = 4.56$). Os casais vivem juntos por uma média de 107 meses (Homens: $DP = 46.5$; Mulheres: $DP = 46.6$), a maioria deles tem um filho (53.8%) ou dois filhos (42.1%). Pouco mais de metade dos filhos são do sexo masculino (53.2%). A média da idade das crianças é de 54.8 meses ($DP = 10.5$). A maioria das famílias é constituída por três elementos familiares (52.2%) ou quatro elementos familiares (42.2%). No que diz respeito às habilitações académicas, a maior parte dos homens concluíram o 12.º ano de escolaridade (35%) e obtiveram a licenciatura (32.9%). Complementarmente, 5.8% concluíram o ensino primário e 16.8% concluíram o ensino básico (9.º ano). Somente 7.8% dos homens obtiveram um mestrado e 1.7% apresentam um doutoramento. Comparativamente, a maior parte das mulheres obtiveram uma licenciatura (45.7%), sendo que 25.2 % das mulheres concluíram o 12.º ano de escolaridade e 14.7% obtiveram um mestrado. Além disso, 1.7% concluíram o ensino primário e 12.1% concluíram o ensino básico (9º ano). Somente 0.6% das mulheres

apresentam um doutoramento. Relativamente ao trabalho, a grande maioria dos casais estão empregados (96.8% dos homens e 98% das mulheres), sendo que os restantes estão empregados e a estudar (3.2% dos homens e 2% das mulheres). Os homens estão a trabalhar no atual emprego à uma média de 124 meses ($DP = 74.9$) e as mulheres à uma média de 108 meses ($DP = 68.5$). Eles trabalham maioritariamente no setor privado (81.8% dos homens e 74.8% das mulheres), a tempo inteiro (99.5% dos homens e 96% das mulheres), num horário fixo (76.6% dos homens e 74.6% das mulheres), e com um regime de trabalho dependente de um contrato efetivo (69.4% dos homens e 70.2% das mulheres). Os homens trabalham uma média de 45.4 horas ($DP = 9.60$) por semana, enquanto as mulheres trabalham cerca de 40.5 horas ($DP = 7.73$) por semana. Em relação ao rendimento mensal líquido auferido pelo agregado familiar, a maior parte dos casais relata auferir um rendimento familiar entre 1500 e 2000€ por mês (22.5% dos homens e 21.9% das mulheres) ou entre 2000 e 2500€ por mês (19.4% dos homens e 19.7% das mulheres), com 13.3% dos homens e mulheres relatarem auferir entre 1250 e 1500€ por mês, e 12.4% entre 1000 e 1250€. Além disso, 9.8% dos homens e 10.1% das mulheres relatam auferir um rendimento entre 2500 e 3000€ por mês. Um pequeno número dos casais relata auferir um rendimento entre 500 e 750€ por mês (5.2%) ou entre 750 e 1000€ (6.6%), com 4.6% dos homens e 4.3% das mulheres relatam auferir um rendimento entre 3000 e 3500€ por mês. Por fim, 2.6% dos homens e 2.9 % das mulheres relatam auferir um rendimento entre 3500 e 4000€ por mês, e 3.5% dos casais relatam auferir um rendimento de mais de 4000€.

3. Instrumentos

O protocolo de resposta era composto por uma folha de rosto que delimitava as instruções gerais para o seu preenchimento, assim como um conjunto alargado de instrumentos que integraram o Projeto (RE)CONCILIAR. No final foram solicitados os dados pessoais e dados relativos aos domínios do trabalho e da família, através de um questionário sociodemográfico. Apresentam-se os instrumentos utilizados no presente estudo.

3.1. *Questionário Sociodemográfico*

Foi utilizado um **breve questionário demográfico** que teve como objetivo a recolha de dados sociodemográficos dos participantes (e.g., idade, habilitações académicas, estado

civil, setor de trabalho), igualmente como outras informações relevantes e pertinentes para o presente estudo (e.g., número de horas de trabalho por semana, horário do trabalho, número de horas despendidas à semana/fim-de-semana em tarefas relativas ao cuidado da criança ou em atividades lúdicas, percepção relativamente à quantidade de tempo passado com a criança, ordem de nascimento da criança, rendimento mensal líquido auferido pelo agregado familiar, frequência com que a criança participa em atividades organizadas).

3.2. *Work-Family Conflict Scale*

O *Work-Family Conflict Scale* (WFCS) é um instrumento de medida multidimensional do conflito trabalho-família, desenvolvida por Carlson, Kacmar e Williams (2000). Este instrumento inclui 18 itens organizados em seis dimensões, que representam uma combinação de três formas diferentes de conflito trabalho-família e conflito família-trabalho (tempo, tensão, comportamento), em duas direções (trabalho que interfere na família e família que interfere com o trabalho). Cada dimensão é avaliada por três itens, classificados numa escala de Likert de cinco pontos que varia entre 1 (discordo fortemente) e 5 (concordo fortemente) (Carlson et al., 2000; Vieira et al., 2014). Este instrumento foi desenvolvido tendo como base a definição e as três fontes de conflito concebidas por Greenhaus e Beutell (1985), bem como a teoria de conflito de papéis (Carlson, et al., 2000; Vieira, et al., 2016; Vieira et al., 2014), sendo atualmente considerada uma das medidas mais sólidas para o conflito na conciliação do trabalho e da família, tanto teoricamente como psicometricamente (Matthews, Kath, & Barness-Farnell, 2010; Vieira et al., 2014). O WFCS superou as limitações de instrumentos de medida unidirecionais do conflito trabalho-família (e.g., Carlson, et al., 2000; Greenhaus & Beutell, 1985; Gutek, Searle, & Klepa, 1991; Netemeyer, Boles, & McMurrin, 1996), uma vez que reconhece a existência de diferentes formas e/ou fontes bidirecionais de conflito trabalho-família (Carlson, et al., 2000; Greenhaus & Beutell, 1985; Netemeyer, et al., 1996; Vieira et al., 2014). Este instrumento demonstra uma boa consistência interna, validade discriminatória e um bom valor preditivo, mesmo existindo diferenças de género (Carlson, et al., 2000; Vieira et al., 2014).

A adaptação da WFCS para a cultura portuguesa foi desenvolvida com uma amostra composta por figuras parentais e trabalhadores portugueses de famílias de duplo rendimento (Vieira et al., 2014). A tradução foi realizada segundo as diretrizes do International Test Commission (2016). A adaptação demonstrou uma boa adequação no que respeita a validade discriminante, a validade convergente e os índices de consistência interna. Assim, a versão

portuguesa da WFCS forneceu uma medida psicométrica, conceptual, e culturalmente adequada (Muñiz, Elosua & Hambleton, 2013; Vieira et al., 2014).

Neste estudo, os índices de consistência interna do WFCS, avaliados pelo alfa de Cronbach, foram adequados para todas as variações das formas de conflito trabalho-família e conflito família-trabalho (tempo, tensão e comportamento), e para as duas direções (ver Tabela 3). Tendo isso em consideração, foram empregados os itens apropriados para a elaboração das dimensões do CG, o CFT, e o CTF do pai e da mãe.

3.3. Parental Stress Scale

O *Parental Stress Scale (PSS)* é um instrumento de autorrelato, constituído por 18 itens que avalia as diferenças individuais do nível do *stress* das figuras parentais presente na educação das crianças (Berry & Jones, 1995). Os itens desta escala incluem 8 itens de prazer/satisfação e 10 itens de *stress* da parentalidade, enfatizando a percepção de *stress* parental como sendo vivenciado pelas pessoas, em vez de eventos ou comportamentos específicos provocadores de *stress* (Berry & Jones, 1995). As respostas são avaliadas numa escala Likert de cinco pontos que varia entre 1 (discordo fortemente) e 5 (concordo fortemente) (Berry & Jones, 1995; Pereira, Vieira, & Matos, 2017). A validade do instrumento foi assegurada por múltiplas análises que comprovaram uma validade convergente satisfatória em vários domínios associado ao *stress*, emoções, e satisfação do papel (Berry & Jones, 1995). De forma adicional, o PSS demonstra uma boa consistência interna, sendo que os autores propõem que para além da utilização bidimensional, o instrumento pode ser utilizado, combinando as duas dimensões para um índice de *stress* parental (Berry & Jones, 1995). Este instrumento pode ser administrado para ambas as figuras parentais, assim como para representantes de diferentes constelações familiares, discriminando entre figuras parentais com crianças que apresentam problemas clínicos, e figuras parentais com crianças que não apresentam problemas clínicos (Berry & Jones, 1995).

Relativamente à tradução e adaptação do PSS à população portuguesa, o estudo de Pereira, Vieira e Matos (2017) aplicou a versão portuguesa do PSS, tendo como base o manuscrito não publicado de Vieira e Matos (2011). Neste estudo, o PSS obteve índices de consistência internas adequados para a dimensão da satisfação ($\alpha = .77$), e para a dimensão do *stress* ($\alpha = .80$).

Na presente amostra, os alfas obtidos podem ser considerados maioritariamente aceitáveis, particularmente na dimensão de satisfação do pai ($\alpha = .77$), e na dimensão do

stress da mãe ($\alpha = .79$) e do pai ($\alpha = .81$), sendo que somente a dimensão de satisfação da mãe obteve um valor mais reduzido ($\alpha = .67$). Adicionalmente, este instrumento manifestou índices de consistência interna adequados quando foram calculados em conjunto as dimensões de *stress* e satisfação do pai e da mãe (ver Tabela 3). Assim sendo, as dimensões do *stress* e satisfação calculados em conjunto do pai e da mãe formaram a base para a elaboração do SP e SM.

3.4. *Strenghts and Difficulties Questionnaire*

O *Strenghts and Difficulties Questionnaire* (SDQ) representa um instrumento fundamental para a identificação de problemas de internalização e externalização na criança, assim como potenciais despistes comportamentais, e problemas emocionais e relacionais (Goodman, 1997; Kersten et al., 2015). Este instrumento fornece as informações comportamentais da criança associadas ao contexto familiar e escolar, sendo que pontuações elevadas parecem discriminar um maior risco psiquiátrico (Goodman, 1997; Marzocchi, et al., 2004). O SDQ apresenta 25 itens distribuídos por cinco escalas e/ou subtipos de comportamentos da criança (i.e., problemas de conduta, hiperatividade, problemas emocionais, problema com os pares, comportamentos pró-sociais), que por sua vez podem ser reunidos para configurar os problemas de internalização (i.e., problemas emocionais, problema com os pares) e problemas de externalização (i.e., problemas de conduta, hiperatividade), para além do comportamento pró-social. Desta forma, este instrumento avalia os atributos psicossociais da criança e pode ser aplicado aos pais ou aos professores de crianças com idades compreendidas entre os 4 e os 16 anos de idade (Croft et al., 2015; Goodman, Ford, Simmons, Gatward, & Metlzer, 2000; Goodman, Renfrew, & Mullick, 2000; Kersten et al., 2015; Russell, Rodgers, & Ford, 2013). Confirmou-se a validade da estrutura de cinco fatores deste instrumento, tal como uma confiabilidade moderada para as versões dos pais e uma validade convergente adequada que se relaciona com outros construtos (i.e., subescalas do *Child Behavior Checklist*) (Croft et al., 2015).

Segundo Marzocchi e colaboradores (2004, p. 42), em Portugal existiu sempre uma necessidade especial de instrumentos de medida e testes standardizados devido à falta de material e adaptações à população portuguesa. O primeiro estudo conduzido em Portugal, que implementou o SDQ, foi organizado por Simões (1994), que analisou as propriedades psicométricas deste instrumento, utilizando uma amostra de 1082 crianças portuguesas de idades compreendidas entre os 5 e os 15 anos. O estudo foi realizado em duas escolas primárias e secundárias e inclui uma análise dos itens do instrumento, da consistência interna

das escalas, e a avaliação da validade do constructo. A validade de construto foi, em geral, confirmada pela análise fatorial. O padrão da distribuição assemelhou-se com o padrão identificado noutros países (i.e., Reino Unido), demonstrando que as 5 subescalas do SDQ constituem um modelo adequado para a estrutura da versão portuguesa do SDQ (Marzocchi et al., 2004, p. 42). Um outro estudo, conduzido por Gaspar (2003) validou o SDQ para crianças em idade pré-escolar (Marzocchi et al., 2004, pp. 42-43).

Neste estudo, as escalas que constituem a Hiperatividade e os Problemas de Conduta avaliados pelo pai e pela mãe, demonstraram um índice de consistência interna adequado (ver Tabela 3), tendo sido posteriormente utilizados para a criação da CE observados na criança em idade pré-escolar.

4. Desenho metodológico

As análises dos dados diádicos foram realizadas com recurso ao programa *IBM SPSS (Statistical Package for Social Sciences)* versão 23 e 24, sendo que na primeira fase da análise dos dados testou-se a aleatoriedade dos dados omissos através do *Little's Missing Completely at Random (MCAR) Test* (Little, 1988), subsequentemente confirmando este pressuposto ($p > .05$). De seguida procedeu-se para a substituição e imputação dos valores omissos a partir do procedimento estatístico *Expectation-Maximization*.

Para testar o efeito mediador do *stress* parental, usou-se o programa *PROCESS* para *SPSS* versão 2.16.1, escrito por Andrew F. Hayes (2013). Este programa permite a análise estatística da mediação através de uma estrutura analítica de trajetos baseados na regressão linear, demonstrando como os efeitos das variáveis independentes (i.e., CG, CTF, CFT) sobre a variável dependente (i.e., CE) pode ser particionado ordenadamente a partir da estimação das influências diretas e indiretas (Hayes, 2013). Foram criadas estas três alternativas para a variável independente com o propósito de analisar a existência de diferenças significativas dos efeitos das direções do conflito na conciliação do trabalho e da família sobre a variável dependente. Este estudo estabeleceu as suas bases no diagrama conceptual do Modelo 4 do *PROCESS* para o *SPSS*, produzindo um diagrama estatístico composto por 9 variáveis. Tem como propósito testar o efeito mediador do *stress* parental (i.e., SP e SM) – duas variáveis mediadoras - na associação entre o conflito na conciliação trabalho-família de ambos os elementos do casal (i.e., CG, CTF, CFT) - três variáveis

independentes - e o CE problemático observado na criança - uma variável dependente, constituída pela média do relato da mãe e do pai.

Prosseguiu-se com a construção de três modelos autónomos, um para cada variável independente, com a intenção de não prejudicar o poder estatístico das análises. Em cada um dos modelos propostos foram testados os efeitos diretos e indiretos por meio de uma análise paralela do SP e SM, no qual nenhum mediador influenciou causalmente o outro (Hayes, 2013). Adicionalmente, cada modelo foi individualmente constituído por cinco variáveis, permitindo desta forma avaliar o efeito de mediação do *stress* parental tendo em consideração as variáveis independentes em causa. O ajustamento de cada modelo foi efetuado através do cálculo dos intervalos de confiança e do procedimento *bootstrapping*, onde a amostra foi repetida 5000 vezes com o objetivo de determinar a forma da distribuição da amostra relativamente aos efeitos indiretos. Assim, os efeitos indiretos foram considerados significativos quando estes não incluíram o valor de zero (Hayes, 2013).

Por fim, foram introduzidas nos modelos, para efeitos de controlo, as variáveis “Número de horas despendidas ao fim-de-semana em atividades lúdicas com a criança” (Pai e Mãe), “Número de horas despendidas à semana em atividades lúdicas com a criança” (Mãe), e “Perceção relativamente à quantidade de tempo passado com a criança” (Pai e Mãe), visto que tiveram uma maior expressão estatística na relação com as variáveis de estudo e maior relevância do ponto de vista teórico.

Resultados

1. Análises preliminares

Previamente a testar as hipóteses de estudo e os modelos mediadores, foram realizados um conjunto de análises preliminares, verificando desta forma as variáveis sociodemográficas relevantes que, de acordo com a literatura referente ao conflito na conciliação do trabalho e família das figuras parentais, e ao *stress* parental, podiam afetar os CE da criança em idade pré-escolar.

A Tabela 1 e a Tabela 2 permitem observar as correlações de Pearson significativas entre as variáveis sociodemográficas e as variáveis de estudo em análise, testando a força e a direção do relacionamento linear entre elas. No que diz respeito aos relatos do pai, encontrou-se correlações positivas entre a duração da relação e o SP, o número de horas e

dias de trabalho por semana e o CG e CTF. Por outro lado, verificou-se que existem correlações negativas entre a idade da criança e o CFT, o número de horas despendidas ao fim-de-semana pelo pai em atividades lúdicas com a criança e o SP. Relativamente aos relatos da mãe, verificou-se que existem correlações positivas entre o número de horas por dia passadas pela criança em contextos educativos e o SM, assim como entre o número de horas de trabalho por semana e o CG e CTF da mãe. De forma complementar, verificou-se que existem correlações negativas entre a idade da mãe e da criança, e os CE da criança, e entre os números de horas despendidas à semana e durante o fim-de-semana pela mãe em atividades lúdicas e o CG, o CTF, o CFT da mãe, e o SM. A duração do trabalho atual da mãe estava negativamente correlacionada com o CE da criança.

Tabela 1. *Correlações de Pearson entre as variáveis sociodemográficas e as variáveis de estudo do pai*

	<i>Conflito Trabalho- Família</i>	<i>Conflito Família- Trabalho</i>	<i>Conflito Geral</i>	<i>Stress</i>	<i>Comportamento da Criança</i>
1. Há quanto tempo iniciou a relação com o/a companheiro/a (em meses)	,004	-,077	-,038	,117*	-,012
2. Idade da criança (em meses)	-,049	-,110*	-,088	-,017	-,089
3. Número de horas despendidas ao fim-de-semana em atividades lúdicas com a criança (brincar, jogar jogos, ler histórias, passear)	-,056	-,038	-,055	-,150**	-,035
4. Número de dias de trabalho por semana	,197**	,053	,151**	,036	-,008
5. Número de horas de trabalho por semana	,273**	-,024	,158**	,041	,020

Tabela 2. *Correlações de Pearson entre as variáveis sociodemográficas e as variáveis de estudo da mãe*

	<i>Conflito Trabalho- Família</i>	<i>Conflito Família- Trabalho</i>	<i>Conflito Geral</i>	<i>Stress</i>	<i>Comportamento da Criança</i>
1. Idade	,066	,103	,095	,018	-,138**
2. Idade da criança (em meses)	,051	-,036	,012	-,040	-,110*
3. Número de horas por dia passadas pela criança em contextos educativos (infantário, ATL...)	,072	,099	,097	,128*	,079
4. Número de horas despendidas à semana em atividades lúdicas com a criança (brincar, jogar jogos, ler histórias, passear)	-,284**	-,182**	-,271**	-,203**	-,093
5. Número de horas despendidas ao fim-de-semana em atividades lúdicas com a criança (brincar, jogar jogos, ler histórias, passear)	-,225**	-,127*	-,205**	-,200**	-,075
6. Há quanto tempo trabalha no atual emprego (em meses)	,071	,045	,067	,035	-,183**
7. Número de horas de trabalho por semana	,244**	,063	,183**	,002	,041

* $p < .05$. ** $p < .01$.

Complementarmente, foram realizadas análises de variância, a fim de comparar as médias dos diferentes níveis das variáveis sociodemográficas e verificar se existem diferenças significativas entre as médias que podiam afetar as variáveis de estudo em análise. Verificou-se um efeito significativo da percepção do homem e da mulher relativamente à quantidade de tempo passado com a criança sobre o CG, o CTF, o CFT, e o SP e SM ($p < .05$), sendo que as figuras parentais que percecionam passar tempo insuficiente com as suas crianças apresentaram significativamente maior conflito e *stress*, do que os pais e as mães que percecionam passar tempo suficiente ($p < .05$). Relativamente aos relatos do pai, a ordem de nascimento da criança teve um efeito significativo no SP ($F(3, 342) = 3.582, p = .014, np^2 = .030$), sendo que os pais experienciam menores níveis de *stress* com o primeiro filho comparativamente com o segundo filho ($p = .015$), e com o quarto filho comparativamente com o terceiro filho ($p = .035$). O rendimento mensal líquido auferido pelo agregado familiar apresentou um efeito significativo no CTF do pai ($F(4, 341) = 2.98, p = .019, np^2 = .034$), indicando que os pais que têm um rendimento mensal entre 1000 e 1500€ apresentam mais CTF, do que os pais com um rendimento mensal entre 1500 e 2500€ ($p = .029$). No que diz respeito aos relatos da mãe, verificou-se um efeito significativo da habilitação sobre o CFT ($F(2,343) = 3.97, p = .020, np^2 = .023$), sendo que as mães que apresentam um mestrado e/ou doutoramento vivenciam maior conflito, do que as mães que apresentam o ensino secundário e/ou a licenciatura ($p = .017$). Adicionalmente, o setor do emprego apresentou um efeito significativo no CE da criança ($F(1, 344) = 14.3, p < .001, np^2 = .040$), sendo que as mães que trabalham no setor privado observam mais CE ($M = 7.81, DP = 3.34$), do que as mães que trabalham no setor público ($M = 6.26, DP = 3.26$). Igualmente, verificou-se um efeito significativo do rendimento mensal líquido auferido pelo agregado familiar no CE da criança ($F(4, 341) = 3.58, p = .007, np^2 = .040$), indicando que as mães que têm um rendimento mensal entre 1000 e 1500€ observam mais CE, do que as mães com um rendimento mensal entre 1500 e 2500€ ($p = .006$). A frequência com que a criança participa em atividades organizadas (e.g., música, dança, desporto) apresentou um efeito significativo no CTF da mãe ($F(3, 342) = 4.25, p = .006, np^2 = .036$), sendo que as mães com crianças que nunca ou quase nunca participam em atividades organizadas, ou participam duas ou mais vezes por semana em atividades organizadas, vivenciam mais CTF, do que mães com crianças que participam em atividades 2-3 vezes por mês ou uma vez por semana ($p < .05$).

Foi testado a hipótese de que as diferenças entre o género da criança apresentam um efeito sobre o CE observado pelas figuras parentais. Assim, quando se tem em consideração os relatos individuais dos elementos do casal, e fazendo recurso a uma análise multivariada

da variância (MANOVA), tanto a percepção do pai como da mãe acerca do CE da criança não são dependente do género da criança ($p > .05$). No entanto, através de uma análise de regressão foi possível observar que, de acordo com os relatos das mães, existe um efeito significativo, ainda que de baixa magnitude, no qual o género da criança, particularmente o género masculino, previa o CE, ($F(1,344) = 3.96, p = .047, r^2 = .008, B = -.107$).

2. Modelos de mediação

É possível observar na Tabela 3 as médias, desvios-padrão e correlações de *Pearson* para todas as variáveis integrativas dos modelos de mediação elaboradas para este estudo, tanto para os homens como para as mulheres. Confirmou-se que existem correlações significativas e positivas entre todas as variáveis em análise. Complementarmente, verificou-se que não existiram diferenças significativas entre as variáveis de estudo dos homens e das mulheres.

Tabela 3. Correlações de *Pearson* entre conflito, stress e comportamento da criança, alfas de Cronbach, diferenças de *Teste-T* e tamanhos de efeito

	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.	9.	10.	11.
1. Conflito Trabalho-Família (H)	1										
2. Conflito Trabalho-Família (M)	,206**	1									
3. Conflito Família-Trabalho (H)	,516**	,124*	1								
4. Conflito Família-Trabalho (M)	,225**	,523**	,225**	1							
5. Conflito Geral (H)	,895**	,193**	,844**	,258**	1						
6. Conflito Geral (M)	,246**	,891**	,196**	,853**	,256**	1					
7. Stress (H)	,316**	,169**	,383**	,177**	,398**	,198**	1				
8. Stress (M)	,148**	,355**	,167**	,405**	,180**	,433**	,320**	1			
9. Comportamento Criança (H)	,216**	,218**	,314**	,119*	,299**	,197**	,364**	,269**	1		
10. Comportamento Criança (M)	,125*	,259**	,207**	,184**	,186**	,257**	,144**	,394**	,592**	1	
11. Comportamento Criança (Casal)	,192**	,267**	,293**	,169**	,272**	,254**	,286**	,371**	,894**	,890**	1
Média	25,9916	26,1946	21,2339	21,8924	47,2255	48,0870	34,0198	33,3272	7,6354	7,4198	15,0553
DP	6.85734	6.68277	5,70433	5,80105	10,95046	10,90176	6,90840	6,64825	3,43895	3,37987	6,08405
α	.86	.86	.85	.84	.89	.89	.80	.80	.75	.73	-
t		-,443		-1,711		-,1202		1,629		1,302	
d		,029982		,114464		,078848		,10216		,063234	

Nota: H = homens; M = mulheres.

A análise estatística, efetuada com o pai e a mãe, acerca do efeito de mediação do *stress* parental, demonstrou que o *stress* atua como mediador total (i.e., CFT da mãe) e

parcial na associação entre o conflito (CG, CTF, CFT) e o CE observado na criança em idade pré-escolar ($p < .001$). No que diz respeito às análises diádicas, e tendo em consideração o procedimento descrito previamente, descrevem-se seguidamente os resultados para os três modelos: O Modelo 1 refere-se ao efeito de mediação do *stress* parental na associação entre o CG das figuras parentais e os CE observados na criança; o Modelo 2 refere-se ao efeito de mediação do *stress* parental na relação entre o CTF das figuras parentais e os CE observados na criança; e o Modelo 3 refere-se ao efeito de mediação do *stress* parental na relação entre o CTF das figuras parentais e os CE observados na criança.

No Modelo 1 (ver Figura 1), encontraram-se efeitos significativos e positivos (ver Tabela 4) do conflito do pai e da mãe sobre o CE da criança. O conflito do pai associa-se positivamente ao nível de SP que ele vivencia. Por sua vez, observou-se um efeito significativo do SP no comportamento da criança. Igualmente, o conflito da mãe associa-se positivamente com o seu nível de SM, sendo que este apresenta um efeito significativo no comportamento da criança. O CG do pai encontra-se positivamente associado com o SM, enquanto o CG da mãe se associa de forma positiva com o SP. Testando os efeitos indiretos, verificou-se que o *stress* parental atua como mediador na associação entre o CG do pai e os CE observado na criança em idade pré-escolar por meio do SP ($B = .027$; $SE = .013$; $Z = 2.13$; 95% CI = .003 a .057; $p = .033$), e na associação entre o CG da mãe e os CE observado na criança por meio do SP ($B = .020$; $SE = .008$; $Z = 2.50$; 95% CI = .008 a .038; $p = .013$). Foram encontrados efeitos de mediação significativos entre o CG da mãe e os CE observado na criança por meio do SM ($B = .065$; $SE = .016$; $Z = 4.19$; 95% CI = .036 a .10; $p < .001$), e na associação entre o CG do pai e os CE observado na criança por meio do SM ($B = .030$; $SE = .010$; $Z = 2.91$; 95% CI = .011 a .054; $p = .004$).

Tabela 4. *Coefficientes significativos para o modelo com Conflito Geral como fator*

Efeito	<i>B</i>	<i>SE</i>	<i>p</i>
Conflito Geral (H) → <i>Stress</i> Paternal	.25	.031	<.001
<i>Stress</i> Paternal → Comportamento de Externalização Criança (H, M)	.11	.049	.027
Conflito Geral (H) → Comportamento de Externalização Criança (H, M)	.15	.029	<.001
Conflito Geral (H) → <i>Stress</i> Maternal	.11	.032	.0008
Conflito Geral (M) → <i>Stress</i> Maternal	.26	.030	<.001
<i>Stress</i> Maternal → Comportamento de Externalização Criança (H, M)	.25	.052	<.001
Conflito Geral (M) → Comportamento de Externalização Criança (H, M)	.14	.029	<.001
Conflito Geral (M) → <i>Stress</i> Paternal	.13	.034	.0002

Relativamente ao Modelo 2 (ver Figura 2), observou-se um efeito significativo (ver Tabela 5) do conflito das figuras parentais ao nível de *stress* parental que vivenciam, associando-se de forma positiva. O CTF do pai e da mãe encontram-se positivamente associado com o comportamento da criança. Por sua vez, tanto o SP como o SM apresentam um efeito significativo sobre o CE observado na criança. O conflito do pai tem um efeito significativo no SM e o conflito da mãe tem um efeito significativo no SP, sendo que ambos estão positivamente associados. Testando os efeitos indiretos, verificou-se que o *stress* parental atua como mediador na associação entre o CTF do pai e os CE observado na criança por via do SP ($B = .044$; $SE = .017$; $Z = 2.61$; 95% CI = .015 a .082; $p = .009$), e na associação entre o CTF da mãe e os CE observado na criança por via do SP ($B = .027$; $SE = .012$; $Z = 2.29$; 95% CI = .010 a .057; $p = .022$). Foram encontrados efeitos de mediação significativos entre o CTF da mãe e os CE observado na criança por via do SM ($B = .085$; $SE = .022$; $Z = 3.96$; 95% CI = .043 a .14; $p = .0001$), e na associação entre o CTF do pai e os CE observado na criança por via do SM ($B = .040$; $SE = .016$; $Z = 2.49$; 95% CI = .010 a .080; $p = .013$).

Tabela 5. Coeficientes significativos para o modelo com Conflito Trabalho-Família como fator

Efeito	<i>B</i>	<i>SE</i>	<i>p</i>
Conflito Trabalho-Família (H) → <i>Stress</i> Paternal	.32	.052	<.001
<i>Stress</i> Paternal → Comportamento de Externalização Criança (H, M)	.14	.048	.004
Conflito Trabalho-Família (H) → Comportamento de Externalização Criança (H, M)	.17	.047	.0003
Conflito Trabalho-Família (H) → <i>Stress</i> Maternal	.14	.052	.006
Conflito Trabalho-Família (M) → <i>Stress</i> Maternal	.35	.050	<.001
<i>Stress</i> Maternal → Comportamento de Externalização Criança (H, M)	.24	.050	<.001
Conflito Trabalho-Família (M) → Comportamento de Externalização Criança (H, M)	.24	.047	<.001
Conflito Trabalho-Família (M) → <i>Stress</i> Paternal	.18	.055	.002

Em relação ao Modelo 3 (ver Figura 3), verificou-se um efeito significativo (ver Tabela 6) do conflito do pai e da mãe sobre o CE da criança, associando-se de forma positiva. O CFT do pai e da mãe têm um efeito significativo ao nível de *stress* que eles experienciam, que por sua vez se associam positivamente com o CE observado na criança em idade pré-escolar. Igualmente, o CFT do pai apresenta um efeito significativo no SM, enquanto o CFT da mãe, associa-se positivamente ao SP. Testando os efeitos indiretos, verificou-se que o *stress* parental atua como mediador na associação entre o CFT do pai e os CE observado na criança em idade pré-escolar por meio do SP ($B = .047$; $SE = .023$; $Z = 2.00$; 95% CI = .001 a .10; $p = .046$), e na associação entre o CFT da mãe e os CE observado na criança em idade

pré-escolar por meio do SP ($B = .035$; $SE = .015$; $Z = 2.39$; 95% CI = .013 a .071; $p = .017$). Foram encontrados efeitos de mediação significativos entre o CFT da mãe e os CE observado na criança em idade pré-escolar por meio do SM ($B = .13$; $SE = .029$; $Z = 4.53$; 95% CI = .079 a .19; $p < .001$), e na associação entre o CFT do pai e os CE observado na criança em idade pré-escolar por meio do SM ($B = .054$; $SE = .020$; $Z = 2.75$; 95% CI = .018 a .10; $p = .006$).

Tabela 6. Coeficientes significativos para o modelo com Conflito Família-Trabalho como fator

Efeito	<i>B</i>	<i>SE</i>	<i>p</i>
Conflito Família-Trabalho (H) → <i>Stress</i> Paternal	.46	.060	<.001
<i>Stress</i> Paternal → Comportamento de Externalização Criança (H, M)	.10	.048	.038
Conflito Família-Trabalho (H) → Comportamento de Externalização Criança (H, M)	.31	.055	<.001
Conflito Família-Trabalho (H) → <i>Stress</i> Maternal	.20	.062	.002
Conflito Família-Trabalho (M) → <i>Stress</i> Maternal	.46	.057	<.001
<i>Stress</i> Maternal → Comportamento de Externalização Criança (H, M)	.28	.051	<.001
Conflito Família-Trabalho (M) → Comportamento de Externalização Criança (H, M)	.18	.056	.002
Conflito Família-Trabalho (M) → <i>Stress</i> Paternal	.21	.063	.0009

No que diz respeito ao controlo das variáveis relevantes mencionadas acima, os modelos permaneceram inalterados relativamente aos efeitos diretos e indiretos significativos, demonstrando a robustez das análises através da predição da variável dependente em função das variáveis independentes ($p < .05$). Deste modo, apresentam-se os modelos sem o controlo destas variáveis.

Figura 1. Modelo 1: Relações entre o Conflito Geral, Stress Parental e Comportamento de Externalização da Criança

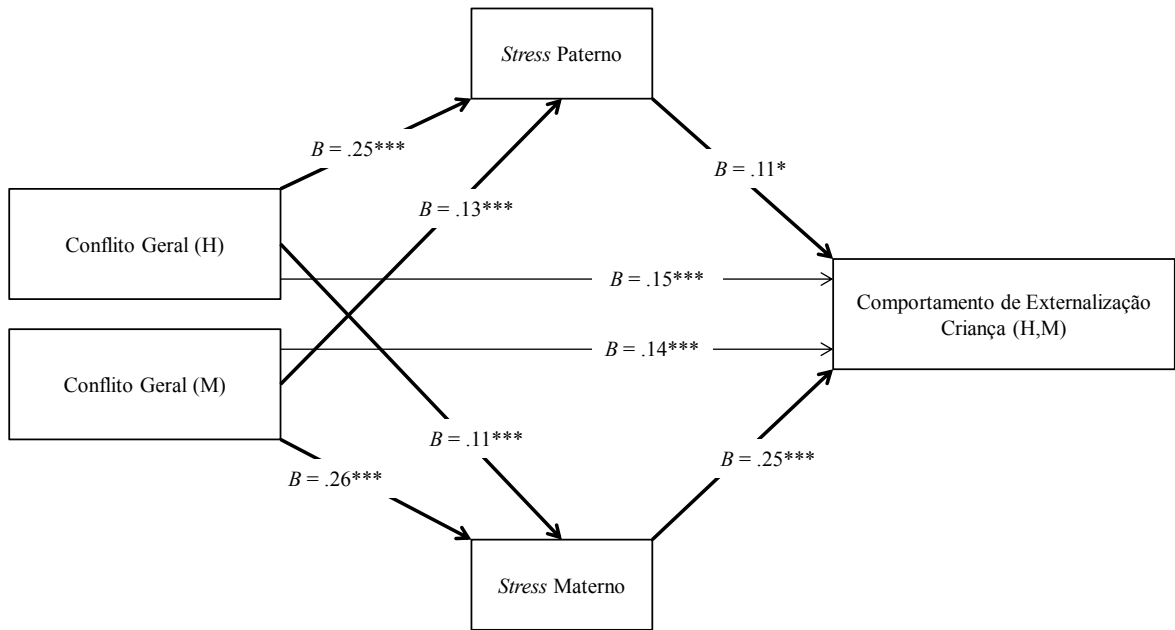


Figura 2. Modelo 2: Relações entre o Conflito Trabalho-Família, Stress Parental e Comportamento de Externalização da Criança

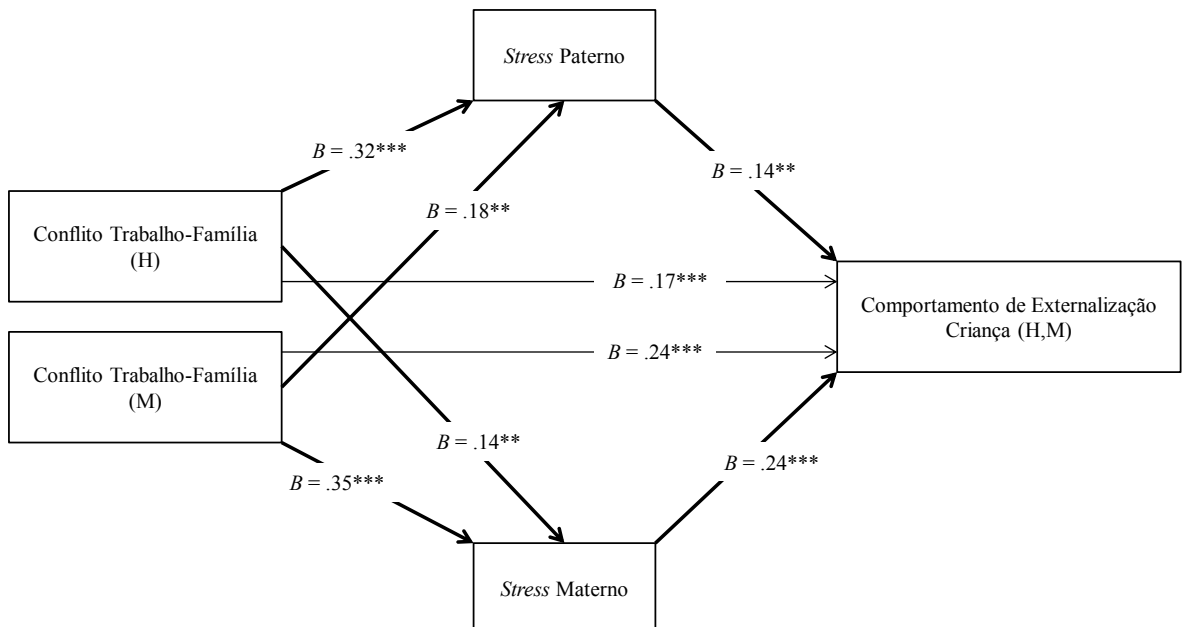
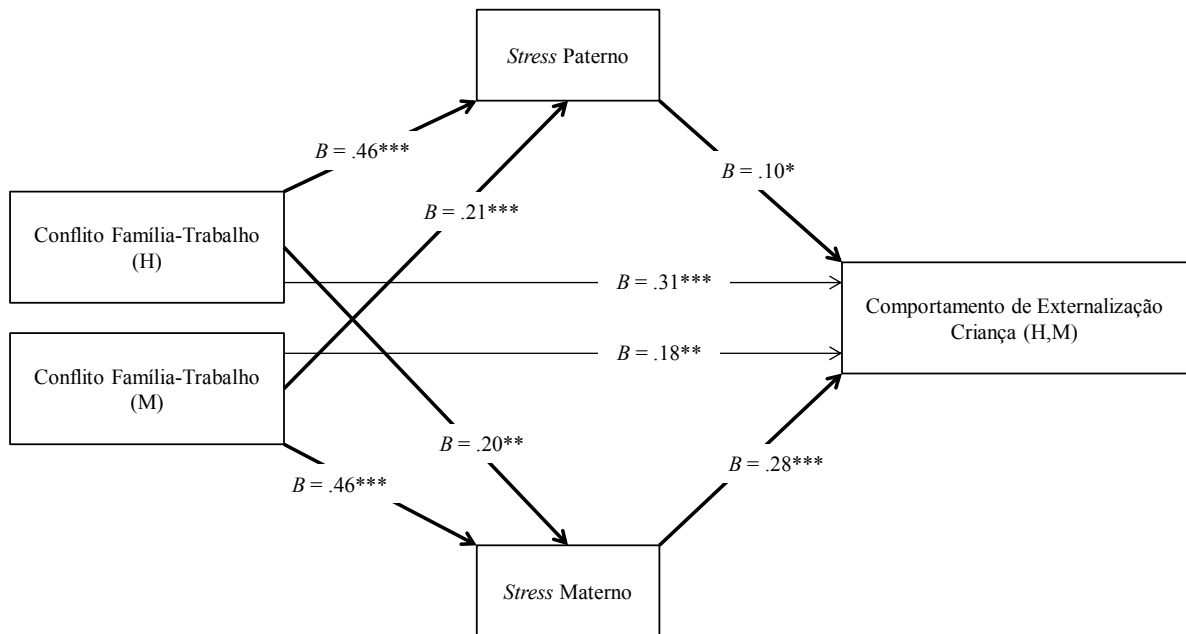


Figura 3. Modelo 3: Relações entre o Conflito Família-Trabalho, Stress Parental e Comportamento de Externalização da Criança



Nota: Figuras 1, 2 e 3: H = homem; M = mulher. Os efeitos de mediação aparecem a negrito.
 * $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$

Discussão

Os objetivos estabelecidos para este estudo focaram-se na análise das associações entre o conflito na conciliação trabalho-família das figuras parentais, o *stress* parental e o desenvolvimento dos CE das crianças em idade pré-escolar, assim como na análise do efeito de mediação do *stress* parental e dos efeitos diádicos dos companheiros. Iniciaremos a discussão dos resultados das análises preliminares e depois serão discutidos os resultados referentes às hipóteses principais do estudo.

Verifica-se nas análises preliminares que a duração da relação com a companheira está associada ao SP vivenciado pelo pai, sugerindo que a maior duração da relação se traduz num maior nível de *stress* parental para o homem. Isso provavelmente está associada à vinda dos filhos, e ao acompanhamento do crescimento e do desenvolvimento dos filhos, que é uma tarefa bastante exigente. A quantidade de tempo investido pelo pai e pela mãe na vida

laboral parece dificultar-lhes a conciliação entre o papel de trabalhador e cuidador, aumentando o CG e o CTF. Por outro lado, o tempo que as figuras parentais passam com a criança, especialmente em atividades lúdicas, parece diminuir o SP e SM, assim como os conflitos vivenciados pela mãe. Aliás, de acordo com estes resultados, as figuras parentais que percebem passar tempo insuficiente com as suas crianças, relatam experienciar mais conflitos e *stress* parental. De forma complementar, os resultados indicam que as mães que trabalham no setor privado parecem observar mais CE nas suas crianças. Os pais que têm crianças mais velhas relatam ter menos CFT, e as mães observam menos CE, levantando a hipótese de que a maior independência das crianças mais velhas concede às figuras parentais maior oportunidade de investir recursos em outros papéis. O tempo que a criança passa em contextos educativos parece contribuir para o SM, sendo que a frequência excessiva ou limitada da criança em atividades organizadas, aumenta o CFT vivenciado pela mãe, ou ao invés disso, o CFT da mãe pode determinar o tempo e a frequência que a criança investe em atividades organizadas. Contudo, a experiência parental e competências educacionais que a mãe acumula com a idade, e a familiarização com o emprego dela, parecem contribuir para a diminuição da observação de CE nas suas crianças. Por outro lado, o maior nível de habilitação literária das mães parece estar associado com maior experiência de CFT. De acordo com os resultados dos pais, a ordem de nascimento da criança parece afetar os seus níveis de SP, sugerindo que a pressão do suporte financeiro após o nascimento do primeiro filho contribuiu para a intensificação do *stress* psicológico (Bodenmann, Ledermann, & Bradbury, 2007; Tanganelli, 2000). Os resultados mostram que o maior rendimento auferido pelo sistema familiar é sinónimo de menor CTF para o pai e menores CE observado pela mãe. Os resultados encontrados na MANOVA demonstraram que a percepção do pai e da mãe acerca do CE da criança não parece estar dependente do género da criança. Apesar disso, as análises preliminares também sugerem que, quando se toma em consideração os relatos das mães, elas predizem mais CE nos rapazes do que nas raparigas. A maior tendência de os rapazes exibirem comportamentos desadequados e agressivos, juntamente com a maior disponibilidade da mãe no cuidado das crianças em idade pré-escolar, podem explicar estes resultados (Gür et al., 2015; Lamb & Lewis, 2010; Parke, 2002; Salavessa, 2015; Simões & Hashimoto, 2012). Além disso, a presença e o apoio do pai, em termos de se envolverem mais na vida das crianças e colaborar ativamente na sua educação, promove o desenvolvimento das competências da criança e diminui o risco do desenvolvimento de problemas de externalização (Lamb, 2010; Lamb & Lewis, 2010; Lamb et al., 1985; McBride & Rane, 1997).

Independentemente do número crescente de mulheres no mercado de trabalho (Instituto Nacional de Estatística, 2013) e a partilha mais equilibrada das responsabilidades parentais (Monteiro et al., 2015; Simões & Hashimoto, 2012; Stephens, 2009; Vieira et al., 2014), as mães continuam a investir mais tempo nas suas crianças (Lamb & Lewis, 2010; Parke, 2002; Simões & Hashimoto, 2012). Por outro lado, mesmo que os pais estejam cada vez mais envolvidos na vida da criança, continuam a estar fortemente enraizados ao papel de género tradicional como provisor financeiro do sistema familiar (Lamb, 2010; McBride & Rane, 1997), possivelmente diminuindo a observação de CE nas suas crianças devido à falta de disponibilidade e favorecendo a maior vivência de conflitos na conciliação do trabalho e da família. Adicionalmente, a tendência dos casais portugueses para privilegiar as responsabilidades familiares, comparativamente com as laborais, e a força dos papéis tradicionais da mulher como cuidadora central da criança (Matias et al., 2011; Santos, 2015; Vieira et al., 2014), poderá aumentar a exposição das mães aos CE das crianças. Por sua vez, as obrigações e exigências associadas ao papel materno são capazes gerar afetos negativos (e.g., *stress*), potenciando situações onde a criança responde de forma mais agressiva (Barnett & Baruch, 1985; Crnic & Greenberg, 1990; Patterson, 1988; Stephens, 2009). Desta forma, os afetos negativos vivenciados pela mãe estão mais associadas às características da criança, podendo contribuir significativamente para o desenvolvimento de comportamentos problemáticos de externalização na criança (Newland & Crnic, 2011; Crnic, & Greenberg, 1990; Patterson, 1988).

Relativamente aos modelos de análise diádica, de facto, verificou-se a existência de uma associação entre o conflito das figuras parentais em conciliar a dimensão do trabalho e da família (CG, CTF, CFT), e os CE observados na criança (H1). Desta forma, os pais e as mães que relatam maiores dificuldades na conciliação destas duas dimensões observam mais CE nos seus filhos. Por outras palavras, independentemente da direção do conflito, a dificuldade das figuras parentais em equilibrar o trabalho e as responsabilidades familiares parecem afetar a dinâmica familiar, e o relacionamento entre as figuras parentais e as suas crianças, associando-se ao desenvolvimento de comportamentos problemáticos nas crianças (Barnett et al., 2010; Vieira et al., 2016).

Identicamente, nesta amostra observou-se uma relação entre o *stress* parental vivenciado pelo pai e a mãe, e a sua capacidade em gerir os papéis de trabalhador e de membro de um sistema familiar (H2). Ou seja, a extensão do CG, o CTF e o CFT, parece ser sinónimo de maiores níveis de *stress* gerados pela tensão familiar entre a discrepância percecionada das responsabilidades e os recursos parentais (Ostberg et al., 2007; Vieira et

al., 2012). Portanto, o conflito parece estar intrinsecamente associado com o *stress* do pai e da mãe (Allen et al., 2000), sendo que o conflito experienciado por eles culmina numa maior vivência de *stress* que, por sua vez, parece afetar o desempenho das responsabilidades parentais, complicando a expressão de comportamentos parentais adequados (Belsky, 1984; Carlson et al., 2000; Crnic & Greenberg, 1990; Mash & Johnston, 1990; Stoneman et al., 1989; Vieira et al., 2014). Ou seja, a disputa entre estes papéis pode levar ao aumento da percepção de *stress* e ao esgotamento de recursos (Greenhaus & Powell, 2006; Higgins et al., 2010; Lin et al., 2016; Santos, 2015; Vieira et al., 2012; Vieira et al., 2016).

No que diz respeito à relação entre o *stress* parental e os CE observados na criança, encontrou-se um efeito que comprova a H3, visto que a associação entre estas duas variáveis é positiva, tanto no pai como na mãe. Isto é, quanto mais *stress* parental as figuras parentais vivenciam, mais CE eles observam nas suas crianças. Isso levanta a hipótese que as crianças de figuras parentais que relatam maiores níveis de *stress* parecem estar mais vulneráveis a sofrer mal ajustamentos (Luthar et al., 2013). Deste modo, o menor relato de *stress* parental parece estar associado a um maior nível de competências sociais manifestado pela criança (Baker & Heller, 1996; Hart & Kelley; Mash & Johnston, 1990; McBride et al., 2002). Visto que os CE das crianças são simultaneamente criadores e consequências do *stress* parental (Baker & Heller, 1996), a avaliação do pai e da mãe acerca dos eventos geradores de *stress* podem ter consequências no funcionamento familiar, nomeadamente os comportamentos das crianças (Crnic & Greenberg, 1990).

Seguidamente, os efeitos das mediações encontrados nos modelos confirmam a H4 e a H5. Primeiramente observou-se um efeito do CG do pai sobre os CE observados na criança através do SP e o SM. Por outras palavras, quanto mais CG ele apresenta, maiores níveis de *stress* parental o pai e a mãe vivenciam, e desta forma, mais CE as figuras parentais observam na criança. Igualmente, o CG da mãe manifesta um efeito nos CE da criança, tanto pelo SM assim como pelo SP. A maior dificuldade da mãe em conciliar o trabalho e a família resulta em maiores níveis de *stress* parental vivenciado pelo pai e pela mãe, tal como em mais CE observados. Este padrão repete-se nos CTF e CFT, sendo que os conflitos do pai e da mãe apresentam um efeito nos CE observados na criança, tanto por meio do SP como do SM. Em termos práticos, a dificuldade do homem ou da mulher em balançar adequadamente a sua vida laboral e familiar, tanto no sentido em que o trabalho afeta a família ou a família afeta o trabalho, pode fazer com que ambos vivenciam mais *stress* parental, e, conseqüentemente, ambos observam mais CE na criança. Desta maneira, foi possível observar o efeito diádico que existe entre os elementos de cada casal, uma vez que o conflito na conciliação das

responsabilidades do trabalho e da família manifestado pela mãe interfere no SP, e o conflito na conciliação das responsabilidades do trabalho e da família manifestado pelo pai interfere no SM. Este fenómeno provavelmente deve-se à influência das características do relacionamento conjugal nas dimensões associadas às relações familiares e, particularmente, nas competências parentais (Barnett et al., 2010; Barr & Simons, 2014; Croft et al., 2015; Hart & Kelley, 2006; Kamphaus & Reynolds, 2006; Rinaldi & Howe, 2012; Umberson et al., 2006; Vieira et al., 2016). Por sua vez, isso sugere que a relação diádica do casal afeta direta e indiretamente a relação com as suas crianças e, reciprocamente, a relação parental com as crianças afeta a dinâmica da relação conjugal (Barr & Simons, 2014; Oliveira et al., 2002; Umberson et al., 2006).

Uma vez que foram testados três modelos independentes, observaram-se algumas variabilidades nos efeitos quando comparando os pais e as mães. Foram verificadas variações ligeiras do efeito do SP sobre o CE, sendo que foram observados valores significativamente mais elevados no Modelo 2, sugerindo que o *stress* parental vivenciado pelo pai afeta o CE da criança mais quando o conflito ocorre na direção trabalho-família. Além disso, o efeito do SM sobre o CE da criança era sempre mais elevado do que o efeito do SP, independentemente da direção do conflito. Complementarmente, no Modelo 2, o CTF da mãe aparenta ter menor impacto no SP do que nos outros modelos, que por sua vez indica que o CG e o CFT da mãe contribuem mais para o nível de *stress* parental do pai. Ao contrário, o CTF e o CFT do pai apresentam um menor impacto no SM comparativamente com o Modelo 1, no qual o efeito do CG do pai sobre o *stress* parental vivenciado pela mãe é mais elevado. A partir disso foi possível formular a hipótese de que o SM é mais facilmente influenciado pelo conflito do pai em conciliar as responsabilidades do trabalho e da família que ocorre por ambas as direções. Por fim, no Modelo 3, verificou-se que o CFT da mãe apresentou um efeito significativamente mais reduzido no CE da criança, sugerindo que o CG e o CTF da mãe estão mais significativamente associados com o CE da criança.

Os resultados deste estudo contribuíram para o progresso da compreensão conceptual e empírica acerca dos efeitos do *stress* parental na associação entre a conciliação trabalho-família nos casais de duplo rendimento e os comportamentos de externalização das crianças de idade pré-escolar. Apesar disso, devem ser considerados algumas limitações associadas às características da amostra utilizada neste estudo, nomeadamente a homogeneidade que limita a generalização dos resultados a outras populações (e.g., famílias monoparentais, casais homossexuais, casais com crianças mais velhas). De forma adicional, como o tipo de instrumentos de recolha de dados utilizados neste estudo eram instrumentos de autorrelato,

existe a possibilidade que as respostas dos participantes estejam condicionadas devido a desejabilidade social. Por fim, apesar deste estudo enfatizar a bidirecionalidade do conflito na conciliação entre o trabalho e a família, o *stress* parental e os problemas de externalização de crianças em idade pré-escolar, o desenho metodológico do estudo não permite inferir da causalidade, e os tratamentos estatísticos realizados apenas tiveram em consideração uma direccionalidade.

Em conclusão, esta investigação possibilita uma amplificação da literatura existente e o aprofundamento do conhecimento associado a este tema. Complementarmente, a natureza diádica da amostra pode ser vista como um fator importante para a compreensão da influência do conflito e do *stress* parental no sistema familiar, particularmente na relação com os seus filhos. Para investigações futuras, sugere-se que sejam analisados o papel do enriquecimento da conciliação entre o trabalho e a família na relação com o *stress*, e os comportamentos da criança. Complementarmente deve ser tomado em consideração as estratégias individualmente implementadas por cada elemento do casal para resolver estes conflitos.

Referências bibliográficas

- Allen, T. D., Herst, D. E., Bruck, C. S. & Sutton, M. (2000). Consequences associated with work-to-family conflict: A review and agenda for future research. *Journal of Occupational Health Psychology*, 5(2), 278-308. doi: 10.1037//1076-8998.5.2.278
- Almeida, D. M., Wethington, E., Chandler, A. L. (1999). Daily transmission of tension between marital dyads and parent-child dyads. *Journal of Marriage and the Family*, 61(1), 49-61. doi: 10.2307/353882
- American Psychiatric Association. (2013). *DSM-5: Manual de diagnóstico e estatística das perturbações mentais*. (5ªed.). Lisboa: Climepsi Editores.
- Ashforth, B. E., Kreiner, G. E., & Fugate, M. (2000). All in a day's work: Boundaries and micro role transitions. *Academy of Management Review*, 25(3), 472 – 491. doi: 10.5465/AMR.2000.3363315
- Baker, B. L., & Heller, T. L. (1996). Preschool children with externalizing behaviours: Experience of fathers and mothers. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 24(4), 513-532. doi: 10.1007/BF01441572
- Barnett, R. C., & Baruch, G. K. (1985). Women's involvement in multiple roles and psychological distress. *Journal of Personality and Social Psychology*, 49(1), 135-145.
- Barnett, M. A., Shanahan, L., Deng, M., Haskett, M. E., & Cox, M. J. (2010). Independent and interactive contributions of parenting behaviors and beliefs in the prediction of early childhood behavior problems. *Parenting: Science and Practice*, 10(1), 43–59. doi: 10.1080/15295190903014604
- Barr, A. B., & Simons, R. L. (2014). A dyadic analysis of relationship and health: Does couple-level context condition partner effects? *Journal of Family Psychology*, 28(4), 448-459. doi: 10.1037/a0037310
- Barry, C. T., Frick, P. J., DeShazo, T. M., McCoy, M.G., Ellis, M., & Loney, B. R. (2000). The importance of callous-unemotional traits for extending the concept of psychopathy to children. *Journal of Abnormal Psychology*, 109 (2), 335–340. doi: 10.1037//0021-843X.109.2.335
- Bass, B., Butler, A. B., Grzywacz, J. G., & Linney, K. D. (2009). Do jobs demands undermine parenting? A daily analysis of spillover and crossover effects. *Family Relations*, 58(2), 201-215. doi: 10.1111/j.1741-3729.2008.00547.x

- Baxendale, S., Cross, D., & Johnston, R. (2012). A review of the evidence on the relationship between gender and adolescents' involvement in violent behavior. *Aggression and Violent Behavior, 17*(4), 297-310. doi: 10.1016/j.avb.2012.03.002
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A process model. *Child Development, 55*(1), 83-96.
- Belsky, J., & Pluess, M. (2009). Beyond diathesis stress: Differential susceptibility to environmental influences. *Psychological Bulletin, 135* (6), 885–908. doi: 10.1037/a0017376
- Berry, J. O., & Jones, W. H. (1995). The parental stress scale: Initial psychometric evidence. *Journal of Social and Personal Relationships, 12*(3), 463-472. doi: 10.1177/0265407595123009
- Bianchi, S. M., & Milkie, M. A. (2010). Work and family research in the first decade of the 21st century. *Journal of Marriage and Family, 72*(3), 705–725. doi: 10.1111/j.1741-3737.2010.00726.x
- Bodenmann, G., Ledermann, T., & Bradbury, T. N. (2007). Stress, sex, and satisfaction in marriage. *Personal Relationships, 14*(4), 551-569. Retirado de <http://dx.doi.org/10.1111/j.1475-6811.2007.00171.x>
- Boldt, L. J., Kochanska, G., Yoon, J. E., & Nordling, J. K. (2014). Children's attachment to both parents from toddler age to middle childhood: links to adaptive and maladaptive outcomes. *Attachment & Human Development, 16* (3), 211-229. doi: 10.1080/14616734.2014.889181
- Bradley, R. H., & Corwyn, R. F. (2008). Infant temperament, parenting, and externalizing behavior in first grade: A test of the differential susceptibility hypothesis. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 49* (2), 124–131. doi: 10.1111/j.1469-7610.2007.01829.x
- Brofenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: Experiments by nature and design*. Cambridge: Harvard University Press.
- Bruck, C. S., Allen, T. D. & Spector, P. E. (2002). The relation between work-family conflict and job satisfaction: A finer-grained analysis. *Journal of Vocational Behavior, 60*(3), 336-353. doi: 10.1006/jvbe.2001.1836
- Bumpus, M. F., Crouter, A. C., & McHale, S. M. (1999). Work demands of dual-earner couples: Implications for parents' knowledge about children's daily lives in middle childhood. *Journal of Marriage and the Family, 61*(2), 465-475. doi: 10.2307/353762

- Buonocore, F., & Russo, M. (2013). Reducing the effects of work-family conflict on job satisfaction: the kind of commitment matters. *Human Resource Management Journal*, 23(1), 91-108.
- Byrne, D. G., Byrne, A. E., & Reinhart, M. I. (1995). Personality, stress, and the decision to commence cigarette smoking in adolescence. *Journal of Psychosomatic Research*, 39(1), 53-62. Retirado de [http://dx.doi.org/10.1016/0022-3999\(94\)00074-F](http://dx.doi.org/10.1016/0022-3999(94)00074-F)
- Byron, K. (2005). A meta-analytic review of work–family conflict and its antecedents. *Journal of Vocational Behavior*, 67(2), 169–198. doi: 10.1016/j.jvb.2004.08.009
- Campbell, S. B., March, C. L., Pierce, E. W., Ewing, L. J., & Szumowski, E. K. (1991). Hard-to-manage preschool boys: Family context and stability of externalizing behavior. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 19(3), 301-318. Retidado de <http://dx.doi.org/10.1007/BF00911233>
- Campbell, S. B., Spieker, S., Vandergrift, N., Belsky, J., Burchinal, M., & the NICHD Early Child Research Network. (2010). Predictors and sequelae of trajectories of physical aggression in school-age boys and girls. *Development and Psychopathology*, 22(1), 133-150. doi: 10.1017/S0954579409990319
- Cantwell, D., & Baker, L. (1991). Association between attention deficit hyperactivity disorder and learning disorders. *Journal of Learning Disabilities*, 24(2), 88-95.
- Carlson, D. S., Kacmar, K. M., & Williams, L. J. (2000). Construction and initial validation of a multidimensional measure of work-family conflict. *Journal of Vocational Behavior*, 56(2), 249-276. doi:10.1006/jvbe.1999.1713
- Cinamon, R. G., Weisel, A., & Tzuk, K. (2007). Work-family conflict within the family: Crossover effects, perceived parent-child interaction quality, parental self-efficacy, and life role attributions. *Journal of Career Development*, 34(1), 79 –100. doi: 10.1177/0894845307304066
- Collins, W. A., Maccoby, E. E., Steinberg, L., Hetherington, E. M., & Bornstein, M. H. (2000). Contemporary research on parenting. The case for nature and nurture. *American Psychologist*, 55(2), 218–232. doi: 10.1037/0003-066X.55.2.218
- Cooklin, A. R., Westrupp, E., Strazdins, L., Giallo, R., Martin, A., & Nicholson, J. M. (2015). Mothers’ work-family conflict and enrichment: Associations with parenting quality and couple relationship. *Child: Care, Health and Development*, 41(2), 266–277. doi: 10.1111/cch.12137

- Cox, M. J., Mills-Koonce, R., Propper, C., & Gariepy, J. (2010). Systems theory and cascades in developmental psychopathology. *Development and Psychopathology*, 22(3), 497–506. doi: 10.1017/S0954579410000234
- Crick, N. R., & Grotpeter, J. K. (1995). Relational aggression, gender, and social psychological adjustment. *Child Development*, 66(3), 710–722. doi: 10.1111/1467-8624.ep9506152720
- Crnic, K. A., & Greenberg, M. T. (1990). Minor parenting stresses with young children. *Child Development*, 61(5), 1628-1637. doi: 10.2307/1130770
- Croft, S., Stride, C., Maughan, B., & Rowe, R. (2015). Validity of the strengths and difficulties questionnaire in preschool-aged children. *Pediatrics*, 135 (5), 1-10. doi: 10.1542/peds.2014-2920.
- Danzig A. P., Dyson, M. W., Olino, T. M., Lupton, R.S., & Klein, D. N. (2015). Positive parenting interacts with child temperament and negative parenting to predict children's socially appropriate behavior. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 34(5), 411-435. doi: 10.1521/jscp.2015.34.5.411
- Donker, A. G., Smeenk, W. H., Lann, P. H., & Verhulst, F. C. (2003). Individual stability of antisocial behavior from childhood to adulthood: Testing the stability postulate of moffitt's developmental theory. *Criminology*, 41(3), 593-609. doi: 10.1111/j.1745-9125.2003.tb00998.x
- Eby, L. T., Casper, W. J., Lockwood, A., Bordeaux, C., & Brinley, A. (2005). Work and family research in IO/OB: Content analysis and review of the literature (1980 –2002). *Journal of Vocational Behavior*, 66, 124–197. doi: 10.1016/j.jvb.2003.11.003
- Edwards, J. R., & Rothbard, N. P. (2000). Mechanisms linking work and family: Clarifying the relationship between work and family constructs. *Academy of Management Review*, 25(1), 178 – 199. doi: 10.5465/AMR.2000.2791609
- Egeland, B., Kalkoske, M., Gottesman, N., & Farrell-Erickson, M. (1990). Preschool behavior problems: Stability and factors accounting for change. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 31(6), 891-909.
- Fontaine, R. G. (2007). Disentangling the psychology and law of instrumental and reactive subtypes of aggression. *Psychology, Public Policy and Law*, 13(2), 143-165. doi: 10.1037/1076-8971.13.2.143
- Frick, P. J., Cornell, A., Bodin, S., Dane, H., Barry, C., & Loney, B. (2003). Callous-unemotional traits and developmental pathways to severe conduct problems. *Developmental Psychology*, 39 (2), 246–260. doi: 10.1037/0012-1649.39.2.246

- Garnefski, N., Kraaij, V., & Etten, M. (2005). Specificity of relations between adolescents' cognitive emotion regulation strategies and internalizing and externalizing psychopathology. *Journal of Adolescence*, 28(5), 619-631. doi: 10.1016/j.adolescence.2004.12.009
- Geurts, S. A. E. & Demerouti, E. (2003). Work/non-work interface: A review of theories and findings. In M. J. Schabracq, J. A. M. Winnubst, & C. L. Cooper (Eds.), *The handbook of work and health psychology* (2nded.). (pp. 279–312). Chichester, England: John Wiley & Sons.
- Goodman, R. (1997). The strengths and difficulties questionnaire: A research note. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 38(5), 581-586. doi: 10.1111/j.1469-7610.1997.tb01545.x
- Goodman, R., Ford, T., Simmons, H., Gatward, R., & Meltzer, H. (2000). Using the strengths and difficulties questionnaire (SDQ) to screen for child psychiatric disorders in a community sample. *British Journal of Psychiatry*, 177(6), 534-539. doi: 10.1192/bjp.177.6.534
- Goodman, R., Renfrew, D., & Mullick, M. (2000). Predicting type of psychiatric disorder from strengths and difficulties questionnaire (SDQ) scores in child mental health clinics in London and Dhaka. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 9(2), 129-134.
- Green, S., & Baker, B. (2011). Parents' emotion expression as a predictor of child's social competence: Children with or without intellectual disability. *Journal of Intellectual Disability Research*, 55(3), 324–338. doi: 10.1111/j.1365-2788.2010.01363.x
- Greenhaus, J. H., & Beutell, N. J. (1985). Sources of conflict between work and family roles. *The Academy of Management Review*, 10(1), 76-88. doi: 10.5465/AMR.1985.4277352
- Greenhaus, J. H., & Powell, G. N. (2006). When work and family are allies: A theory of work-family enrichment. *Academy of Management Review*, 31(1), 72-92. doi: 10.5465/AMR.2006.19379625
- Gür, Ç., Koçak, N., Demircan, A., Uslu, B. B., Şirin, N., & Şafak, M. (2015). The study of 48-60 month-old preschool children's social competence and behavior evaluation conditions. *Education & Science/Eğitim ve Bilim*, 40 (180), 13-23. doi: 10.15390/EB.2015.4563
- Gutek, B., Searle, S., & Klepa, L. (1991). Rational versus gender role-explanations for work-family conflict. *Journal of Applied Psychology*, 76(4), 560–568.

- Hagborg, W. J. (1989). A comparative study of parental stress among mothers and fathers of deaf school-age children. *Journal of Community Psychology, 17*(3), 220-224.
- Hanisch, C., Hautmann, C., Plück, J., Eichelberger, I., & Döpfner, M. (2013). The prevention program for externalizing problem behavior (PEP) improves child behavior by reducing negative parenting: analysis of mediating processes in a randomized controlled trial. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 55*(5), 473-484. doi: 10.1111/jcpp.12177
- Hart, M. S., & Kelley, M. L. (2006). Father's and mother's work and family issues as related to internalizing and externalizing behavior of children attending day care. *Journal of Family Issues, 27*(2), 252-270. doi: 10.1177/0192513X05280992
- Hayes, A. F. (2013). *Introduction to mediation, moderation, and conditional process analysis: A regression-based approach*. New York: The Guilford Press.
- Heller, T. L., Baker, B. L., Henker, B., & Hinshaw, S. P. (1996). Externalizing behavior and cognitive functioning from preschool to first grade: stability and predictors. *Journal of Clinical Child Psychology, 25*(4), 376-387. Retirado de https://dx.doi.org/10.1207/s15374424jccp2504_3
- Higgins, C. A., Duxbury, L. E., & Lyons, S. T. (2010). Coping with overload and stress: Men and women in dual-earner families. *Journal of Marriage and Family, 72*(4), 847-859. doi: 10.1111/j.1741-3737.2010.00734.x
- Instituto Nacional de Estatística. (2013). *Famílias nos census 2011. Diversidade e mudança*. Retirado de https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaquas&DESTAQUE_Sdest_boui=206614267&DESTAQUESmodo=2
- International Test Commission. (2016). *The ITC guidelines for translating and adapting tests (second edition)*. Retirado de <https://www.psyssa.com/itc-guidelines-on-translating-and-adapting-tests-for-public-comment/>
- Kamphaus, R. W., & Reynolds, C. R. (2006). Test review. *Journal of Psychoeducational Assessment, 28*(3), 270-275. doi: 10.1177/0734282909346718
- Kazak, A. E. (1987). Families with disabled children: Stress and social networks in three samples. *Journal of Abnormal Child Psychology, 15*(1), 137-146.
- Kersten, P., Czuba, K., McPherson, K., Dudley, M., Elder, H., Tauroa, R., & Vandal, A. (2015). A systematic review of evidence for the psychometric properties of strengths and difficulties questionnaire. *International Journal of Behavioral Development, 40*(1), 64-75. doi: 10.1177/0165025415570647

- Kiff, C. J., Lengua, L. J., & Zalewski, M. (2011). Nature and nurturing: Parenting in the context of child temperament. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 14(3), 251–301. doi: 10.1007/s10567-011-0093-4
- Kim, S., & Kochanska, G. (2012). Child temperament moderates effects of parent-child mutuality on self-regulation: A relationship-based path for emotionally negative infants. *Child Development*, 83 (4), 1275–1289. doi: 10.1111/j.1467-8624.2012.01778.x
- Kochanska, G., Kim, S., Boldt, L. J., & Yoon, J. E. (2013). Children's callous-unemotional traits moderate links between their positive relationships with parents at preschool age and externalizing behavior problems at early school age. *The Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 54(11), 1251-1260. doi: 10.1111/jcpp.12084
- Lamb, M. E. (2010). How do fathers influence children's development? Let me count the ways. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (5^aed.). (pp.1-26). Hoboken, New Jersey: John Wiley & Sons.
- Lamb, M., & Lewis, C. (2010). The development and significance of father-child relationships in two-parent families. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (5^aed.). (pp. 94-153). Hoboken, New Jersey: John Wiley & Sons.
- Lamb, M. E., Pleck, J. H., Charnov, E. L., & Levine, J. A. (1985). Paternal behavior in humans. *American Zoologist*, 25(3), 883-894. Retirado de <http://dx.doi.org/10.1093/icb/25.3.883>
- Lambert, E., Wahler, R., Andrade, A. & Bickman, L. (2001). Looking for the disorder in conduct disorder. *Journal of Abnormal Psychology*, 110(1), 110-123. doi: 10.1037//0021-843X.110.1.110
- Lansford, J. E., Criss, M. M., Pettit, G. S., Dodge, K. A., & Bates, J. E. (2003). Friendship quality, peer group affiliation, and peer antisocial behavior as moderators of the link between negative parenting and adolescent externalizing behavior. *Journal of Research on Adolescence*, 13 (2), 161–184. doi: 10.1111/1532-7795.1302002
- Lassance, M. C. & Sarriera, J. C. (2009). Carreira e saliência dos papéis: Integrando o desenvolvimento pessoal e profissional. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 10(2), 15-31. Retirado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902009000200004

- Lin, W., Chen, L. H., & Li, T. (2016). Are “we” good? A longitudinal study of we-talk and stress coping in dual-earner couples. *Journal of Happiness Studies*, *17*(2), 757-772. doi: 10.1007/s10902-015-9621-0
- Little, R. J. (1988). A test of missing completely at random for multivariate data with missing values. *Journal of the American Statistical Association*, *83*(404), 1198-1202. doi: 10.2307/2290157
- Lösel, F., & Stemmler, M. (2012). Continuity and patterns of externalizing and internalizing behavior problems in girls: A variable- and person-oriented study from preschool to youth age. *Psychological Test and Assessment Modeling*, *54*(3), 307-319.
- Lunkenheimer, E. S., Olson, S. L., Hollenstein, T., Sameroff, A. J., & Winter, C. (2011). Dyadic flexibility and positive affect in parent-child coregulation and the development of child behavior problems. *Development and Psychopathology*, *23*(2), 577-591. doi: 10.1017/S095457941100006X
- Luthar, S. S., Barkin, S. H., & Crossman, E. J. (2013). “I can, therefore I must”: Fragility in the upper-middle classes. *Development and Psychopathology*, *25*(4, Pt2), 1529-1549. doi: 10.1017/S0954579413000758
- Mann, V. A. & Brady S. (1988). Reading disability: the role of language deficiencies. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, *56* (6), 811-816.
- Marzocchi, G. M., Capron, C., Pietro, M. D., Tauleria, E. D., Duyme, M., Frigerio, A., Gaspar, M. F., Hamilton, H., Pithon, G., Simões, A., & Thérond, C. (2004). The use of the strenghts and difficulties questionnaire (SDQ) in southern european countries. *European Child & Adolescent Psychiatry*, *13*(2), 1140-1146. doi: 10.1007/s00787-004-2007-1
- Mash, E .J. & Johnston, C. (1990) Determinants of parenting stress: illustrations from families of hyperactive children and families of physically abused children. *Journal of Clinical Child Psychology*, *19*(4), 313–338.
- Matthews, R. A., Kath, L. M., & Barnes-Farrell, J. L. (2010). A short, valid, predictive measure of work-family conflict: Item selection and scale validation. *Journal of Occupational Health Psychology*, *15*(1), 75-90. doi: 10.1037/a0017443
- Matias, M., Andrade, C., & Fontaine, A. M. (2011). Diferenças de género no conflito trabalho-família: Um estudo com famílias portuguesas de duplo-emprego com filhos em idade pré-escolar. *Psicologia*, *25*(1), 9-32. Retirado de http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0874-20492011000100001

- McBride, B. A., Brown, G. L., Bost, K. K., Shin, N., Vaughn, B., & Korth, B. (2005). Paternal identity, maternal gatekeeping, and father involvement. *Family Relations*, *54* (3), 360-372.
- McBride, B. A., & Rane, T. R. (1997). Role identity, role investments, and paternal involvement: Implications for parenting programs for men. *Early Childhood Research Quarterly*, *12*(2), 173-197. Retirado de [https://doi.org/10.1016/S0885-2006\(97\)90013-2](https://doi.org/10.1016/S0885-2006(97)90013-2)
- McBride, B., Schoppe, S. J., & Rane, T. R. (2002). Child characteristics, parenting stress, and parental involvement: Fathers versus mothers. *Journal of Marriage & the Family*, *64* (4), 998-1011. doi: 10.1111/j.1741-3737.2002.00998.x
- Moffitt, T. E. (1993). Adolescence-limited and life-course-persistent antisocial behavior: a developmental taxonomy. *Psychological Review*, *100*(4), 674-701.
- Moffitt, T. E., Caspi, A., Rutter, M., & Silva, P. A. (2001). *Sex differences in antisocial behaviour: Conduct disorder, delinquency, and violence in the Dunedin Longitudinal Study*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Monteiro, L., Torres, N., Veríssimo, M., Costa, I.P., & Freitas, M. (2015). Análise fatorial confirmatória do questionário “o papel do pai” numa amostra de pais e mães portuguesas. *Análise Psicológica*, *33*(1), 113-120. doi: 10.14417/ap.998
- Muñiz, J., Elosua, P., & Hambleton, R. K. (2013). Diretrizes para la traducción y adaptación de los tests : segunda edición. *Psicothema*, *25*(2), 151-157. doi: 10.7334/psicothema2013.24
- Netemeyer, R. G., Boles, J. S., & McMurrian, R. (1996). Development and validation of work–family conflict and family–work conflict scales. *Journal of Applied Psychology*, *81* (4), 400-410.
- Newland, R. P., & Crnic, K. A. (2011). Mother-child affect and emotion socialization processes across the late preschool period: predictions of emerging behavior problems. *Infant and Child Development*, *20*(6), 371-388. doi: 10.1002/icd.729
- Oliveira, E. A., Marin, A. H., Pires, F. B., Frizzo, G. B., Ravello, T., & Rossato, C. (2002). Estilos parentais autoritário e democrático-recíproco intergeracionais, conflito conjugal e comportamentos de externalização e internalização. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, *15*(1), 1-11. Retirado de <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722002000100002>
- Östberg, M., Hagekull, B., & Hagelin, E. (2007). Stability and prediction of parenting stress. *Infant and Child Development*, *16*(2), 207-223. doi: 10.1002/icd.516

- Pacheco, J., Alvarenga, P., Reppold, C., Piccinini, C. A., & Hutz, C. S. (2005). Estabilidade do comportamento anti-social na transição da infância para a adolescência: Uma perspectiva desenvolvimentista. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(1), 55-61. Retirado de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722005000100008>
- Paquette, D. (2004). Theorizing the father-child relationship: Mechanism and developmental outcomes. *Human Development*, 47(4), 193-219. doi: 10.1159/000078723
- Parke, R. D. (2002). Fathers and families. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of Parenting* (6ªed.). (Vol. 3, pp. 27-63). New Jersey: Erlbaum Associates.
- Patterson, C. R. (1988). Stress: A change agent for family process. In N. Garmezy & M. Rutter (Eds.), *Stress, coping, and development in children*. (pp. 235-264). Baltimore: The Johns Hopkins University Press.
- Pereira, A. V., Vieira, J. M., & Matos, P. M. (2017). Interface trabalho-família, vinculação romântica e parentalidade. *Análise Psicológica*, 1(35), 73-90. doi: 10.14417/ap.1071
- Phares, P., Rojas, A., Thurston, I. B., & Hankinson, J. C. (2010). Including fathers in clinical interventions for children and adolescents. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (5ªed.). (pp. 459-485). Hoboken, New Jersey: John Wiley & Sons.
- Pimenta, M., Veríssimo, M., Monteiro, L., & Pessoa e Costa, I. (2010). O envolvimento paterno de crianças a frequentar o jardim-de-infância. *Análise Psicológica*, 28(4), 565-580.
- PTDC/MHC-CED/5218/2012. *(Re)conciliar: Impacto da conciliação trabalho-família na parentalidade e no desenvolvimento das crianças*. Disponível em: <http://www.fpce.up.pt/reconciliar/>
- Rinaldi, C. M., & Howe, N. (2012). Mothers' and fathers' parenting styles and associations with toddlers' externalizing, internalizing, and adaptive behaviors. *Early Childhood Research Quarterly*, 27(2), 266-273. doi: 10.1016/j.ecresq.2011.08.001
- Piquero, A. R., Carriaga, M. L., Diamond, B., Kazemian, L., & Farrington, D. P. (2012). Stability in aggression revisited. *Aggression and Violent Behavior*, 17(4), 365-372. doi: 10.1016/j.avb.2012.04.001
- Repetti, R. L., & Wood, J. (1997). Effects of daily stress at work on mothers' interactions with preschoolers. *Journal of Family Psychology*, 11(1), 90-108.
- Resnick, G., & Burt, M. R. (1996). Youth at risk: Definitions and implications for service delivery. *American Journal of Orthopsychiatry*, 66 (2), 172-188.

- Rothbart, M. K., & Bates, J. E. (2006). Temperament. In W. Damon, & R.M. Lerner (Eds.) & N. Eisenberg (Vol.3), *Handbook of child psychology: Social, emotional, and personality development*. (6^aed.). (pp. 99–166). Hoboken, New Jersey: John Wiley & Sons.
- Russell, G., Rodgers, L. R., & Ford, T. (2013). The strengths and difficulties questionnaire as a predictor of parent-reported diagnosis of autism spectrum disorder and attention deficit hyperactivity disorder. *PLOS ONE*, 8(12), 1-9. doi: 10.1371/journal.pone.0080247
- Salavessa, M. C. (2015). Vinculação e problemas de comportamentos em adolescentes. (Tese de mestrado não publicada). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias-Lisboa, Portugal. Retirado de <http://hdl.handle.net/10437/6342>
- Santos, S. L. (2015). *Conflito trabalho-família e stresse profissional: Estudo com uma amostra do setor da administração pública*. (Tese de mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, Portugal. Retirado de <http://hdl.handle.net/10451/23534>
- Scaramella, L. V., Conger, R. D., Spoth, R., & Simons, R. L. (2002). Evaluation of a social contextual model of delinquency: A cross-study replication. *Child Development*, 73(1), 175-195. doi: 10.1111/1467-8624.00399
- Schonfeld, I. S. (1990). A developmental perspective and antisocial behaviour: Cognitive functioning. *American Psychologist*, 45(8), 983-984.
- Simões, F. I., & Hashimoto, F. (2012). Mulher, mercado de trabalho e as configurações familiares do século XX. *Vozes dos Vales*, (2), 1-25. Retirado de <http://hdl.handle.net/11449/126924>
- Sousa, C. P. N. (2016). *Apoios no contexto de trabalho e bem-estar dos trabalhadores: o papel mediador do conflito entre o trabalho e a família*. (Tese de mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, Portugal. Retirado de <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/25357>
- Stemmler, M., & Lösel, F. (2012). The stability of externalizing behavior in boys from preschool age to adolescence: A person-oriented analysis. *Psychological Test and Assessment Modeling*, 54(2), 195-207.
- Stephens, M. A. (2009). *Gender differences in parenting styles and effects on the parent-child relationship*. (Tese de licenciatura não publicada). Texas State University-San Marcos, USA. Retirado de <https://digital.library.txstate.edu/handle/10877/3300>

- Stoneman, Z., Brody, G. H., & Burke, M. (1989). Marital quality, depression, and inconsistent parenting: relationship with observed mother–child conflict. *American Journal of Orthopsychiatry*, 59(1), 105-117. doi: 10.1111/j.1939-0025.1989.tb01639.x
- Tajfel, H., & Turner, J. (1986). The social identity theory of intergroup behaviour. In S. Worchel & W. G. Austin (Ed.), *Psychology of intergroup relations* (2^aed.). (pp. 7-24).. Chicago, Illinois: The Nelson-Hall series in psychology.
- Tanganelli, M. S. (2000). Você me estressa, eu estresso você. In M. Lipp (Ed.), *O stress está dentro de você* (2^aed.). (pp. 153-168). São Paulo: Contexto
- Umberson, D., Williams, K., Powers, D., Liu, H., & Needham, B. (2006). You make me sick: Marital quality and health over the life course. *Journal of Health and Social Behavior*, 47, 1–16. doi: 10.1177/002214650604700101
- Vieira, J. M., Ávila, M., & Matos, P. M. (2012). Attachment and parenting: The mediating role of work-family balance in portuguese parents of preschool children. *Family Relations*, 61(1), 31-50. doi:10.1111/j.1741-3729.2011.00680.x
- Vieira, J. M., Lopez, F. G., & Matos, P. M. (2014). Further validation of work-family conflict and work-family enrichment scales among portuguese working parents. *Journal of Career Assessment*, 22(2), 329-344. doi:10.1177/1069072713493987
- Vieira, J. M., Matias, M., Ferreira, T., Lopez, F. G., & Matos, P. M. (2016). Parents' work-family experiences and children's problem behaviors: The mediating role of the parent–child relationship. *Journal of Family Psychology*, 30(4), 419-430. doi: 10.1037/fam0000189
- Wakschlag, L. S., Tolan, P. H., & Leventhal, B. L. (2010). Research review: ‘Ain’t misbehavin’’: Towards a developmentally-specified nosology for preschool disruptive behavior. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 51 (1), 3–22. doi:10.1111/j.1469-7610.2009.02184.x
- Westman, M. (2001). Stress and strain crossover. *Human Relations*, 54(6), 717 – 751. doi:10.1177/0018726701546002